

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LIZIANE GUEDES DA SILVA

SARAU SOPAPO POÉTICO – PONTO NEGRO DA POESIA:
Fios de prata conectando a negritude em Porto Alegre

Porto Alegre – RS
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LIZIANE GUEDES DA SILVA

SARAU SOPAPO POÉTICO – PONTO NEGRO DA POESIA:
Fios de prata conectando a negritude em Porto Alegre

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadores: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos e Profa. Dra. Paula Sandrine Machado.

Porto Alegre – RS
2018

FIO DE PRATA

“Sabes Negro

Hoje

Vejo-te

Percebo-te

Reconheço-te

Não pela tua cor

Tua marginalização

Tua resistência

Mas por algo que nos une

Nosso fio de prata

Ligado no plexo

De nossa Ancestralidade.”

(ROCHA, 2016, p. 16)

“Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori.

É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”

(SOUZA, 1983, p. 77)

Dedico este trabalho à minha avó materna, Eva Maria Quevedo Guedes, in memoriam, por ter sido a matriarca que precisávamos em tempos difíceis!

Ao meu avô paterno dedico este trabalho, Rosalvo da Silva, in memoriam, por sua existência e persistência numa vida de superação, tão comum para o nosso povo!

Ao dedicar a eles, dedico à toda ancestralidade!

Há um ditado africano que nos ensina que “Arvore que enverga, não quebra”. Escrever sobre as dores e lamentos de um povo, o povo negro, não é tarefa fácil. Talvez, mais difícil, seja escrever sobre as estratégias diárias de resistência e (re)existência, para envergar e não quebrar.

Nesse percurso, várias vozes e mãos construíram a escrita que você irá encontrar nas próximas páginas. Gostaria de agradecer a todas elas, mas será necessário escolher alguns/algumas representantes.

Agradeço primeiramente ao Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia e a Associação Negra de Cultura por terem acolhido essa ideia! Anderson do Amaral, Delma Gonçalves, Duan Kissonde, Evandoir dos Santos, Fátima Farias, Kyzzy Barcelos, Lilian Rocha, Luciana Ayoola, Maria Cristina Santos, Maurício de Castro, Naiara Lacerda, Pedro Acosta, Renato Borba, Sidnei Borges, Silvia Prado, Vera Lopes, Vladimir Rodrigues, vocês foram essenciais para o nascimento desse território e para o nascimento dessa escrita! Agradeço também às entrevistadas Ana dos Santos, Andressa Moraes, Taiasmin Ohnmacht e Marieta da Silveira pela importante contribuição para esse estudo. À Pâmela Amaro agradeço de forma especial, enquanto comentadora integrante da banca de avaliação desse trabalho, por ter abraçado comigo o desafio de analisar “desde dentro” o Sarau Sopapo Poético: suas palavras fizeram toda a diferença na construção dessa escrita!

Agradeço aos professores orientadores, José Carlos Gomes dos Anjos e Paula Sandrine Machado, pelo apoio teórico-afetivo nesse processo. Ao Prof. Carlos agradeço por acolher a ideia de uma leitura conectada entre a psicologia e a sociologia; por olhar “desde dentro” as relações raciais, ao meu lado, possibilitando um diálogo entre a África da diáspora e a África do continente! À Prof.^a. Paula Machado agradeço a parceria nos seis anos do curso; pela abertura e respeito à leitura “raça primeiro”, a qual defendo nesse trabalho; pelo incentivo a seguir no percurso acadêmico; pelas conversas diminuidoras de angústias; pelas risadas carregadas de leveza!

Agradeço às/aos psicólogas/os negras/os que percorreram esse caminho a mais tempo, por terem comprovado que a psicologia é um lugar possível de ser ocupado: Silvia Marques, Silvia Ramão (pela escuta semanal, especialmente), Silvia Prado, Taiasmin Ohnmacht, Miriam Alves, Emiliano de Camargo, Eliane Costa, Maria Lúcia da Silva, Maria Aparecida Bento, Edna Muniz, Eliana Xavier, Gláucia Fontoura, Mainé Prates, Cainã Nascimento, Kyky Rodrigues.

Agradeço aos psicólogas/os negras/os recém-formadas/os: Alisson Batista, Caroline Damazio, Jessyca Barcellos, Robson Gonçalves, Simiana Regina Silva, Marcos Rafael de Oliveira, Irimara Gomes, Ariane Silva, Renato Gama, Kelly Omobinrin Okun, por demonstrarem que é possível ingressar e sair da universidade pública com o canudo nas mãos, apesar de tudo!

Agradeço às/aos estudantes negras/os de psicologia, por construírem diariamente esse percurso comigo, pelos corredores ou discussões no grupo Psicopreta, fortalecendo minha permanência nesse espaço: Andressa Moraes, Tiago Rodrigues, Jaime Castro, Milene Amaral, Vanessa Félix, Arthur Almeida, Ícaro Teixeira, Vitória Freitas, Hércules Marques. Vocês representam todas/os as/os estudantes negras/os que sabem de onde vêm e para onde precisam voltar, assim como o Coletivo Negração e o Movimento Balanta – Nenhum Cotista a Menos!

Agradeço à Elaine Oliveira Soares, por me ensinar sobre Saúde da População Negra e por me jogar ao mundo, sempre que possível! Muito obrigada pela sua amizade e preceptoria!

Agradeço a todos meus familiares, avôs/avós, tios/as, primos/as, afilhados/as, aos que vieram antes, e aos que virão depois, por construírem minha comunidade e me ensinar quem sou! Sou, porque vocês são! Ubuntu!

Agradeço ao meu denço, Duan Kissonde, por trazer o amor e a poesia negra à minha vida! Contigo, em tuas palavras, “lapido, ancestralizo, estudo e questiono, mas jamais abandono a minha Pretessência”! Nakupenda!

Agradeço ao meu irmão, Lúcio Guedes da Silva, por me levar pela mão sempre que necessário. Espero também lhe estender a mão, em seus estudos e na vida! Amo você!

Agradeço ao meu pai, Carlos Roberto Barbosa da Silva, por apoiar, mesmo sem bem entender o propósito do percurso! Pretendo ir longe, porque sei que você estará aqui em cada retorno! Amo você!

Agradeço à minha mãe, Claudenice Guedes da Silva, por sempre ser sustento para minhas ideias e devaneios, amando intensamente, como uma verdadeira Iemanjá, mãe de todos os Orixás! Amo você!

Agradeço à mãe Oxum e aos pais Xangô e Bará, e a todos os Orixás e povo da Umbanda, por enxergarem mais longe que eu, preparando-me para as quedas e levantes! Axé! Saravá! Salve!

RESUMO

O Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia (SSP) é um sarau negro, realizado mensalmente em Porto Alegre/RS, sempre na última terça-feira do mês. A partir dos encontros do SSP, pretendeu-se investigar os processos de produção de subjetividade para os sujeitos negros, identificando os elementos constituintes e os sentidos atribuídos a eles no sarau. Para a leitura dos processos de produção disparados no sarau, foram utilizados conceitos da Esquizoanálise, da Psicologia Negra e Relações Raciais. A metodologia utilizada foi a cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, incluindo sete (7) entrevistas individuais e roda de conversa com dezessete (17) participantes, entre frequentadores e organizadores do sarau, e observações participantes (de 2 saraus, nos meses de março e abril de 2018), além de conversas informais. Após a execução da pesquisa, elementos da cartografia foram sendo localizados na geografia do SSP. Segundo os entrevistados, a negritude está no cerne do território existencial, permeada pela arte negra de resistência – com protagonismo da poesia e música negras – e a ancestralidade (informada pelas regiões de matriz africana), ocupando um importante território negro para a comunidade: o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó. Os participantes do sarau construíram conceitos próprios para esses elementos. Por fim, constatou-se que o SSP configura um ponto de encontro às pessoas negras da cidade, constrói um território existencial de potência e produção de vida, que informa e potencializa a negritude, dos pequenos aos mais velhos. O protagonismo das mulheres negras confere ao espaço um tom de matriarcalidade. Percebeu-se também que, embora, o SSP seja reconhecido como um espaço de acolhimento para as pessoas negras, há uma linha comum entre os frequentadores do sarau. E não há uma consistente afirmação de diferenças, por exemplo, em se tratando de classes sociais e/ou questões de gênero e sexualidade. Provavelmente esses fatores estão presentes, mas ainda não adquiriram voz.

Palavras chaves: Sarau Sopapo Poético. Negritude. Produção de Subjetividade. Território Existencial. Racismo.

SUMÁRIO

1. Em busca de uma psicologia negra e orgulhosa	8
2. Do Sambarau ao Sarau Sopapo Poético: afirmações poéticas da negritude em Porto Alegre	9
3. Escolhas Metodológicas e a Caixa de Ferramentas Teórico-conceituais	11
3.1. Processos de Produção de Subjetividade	12
3.2. Negritude	13
3.3. Território Existencial	14
3.4. Agência	14
3.5. Racismo	15
4. Oliveira Silveira, as Organizações e os Saraus Negros: fios de prata	15
5. Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia: território existencial para a negritude em Porto Alegre	18
6. O Mergulho na Pesquisa Cartográfica no Sarau Sopapo Poético: algumas narrativas.....	20
6.1. <u>Não Deixe de Sonhar – Realize: edição de março do Sarau Sopapo Poético</u>	20
6.2. <u>A Juventude Negra e o Slam – edição de abril do Sarau Sopapo Poético</u>	22
7. Centro de Referência do Negro Nilo Feijó – Existência em Disputa	25
8. Sarau Sopapo Poético: negritudes, ancestralidade, múltiplas vozes e devires	27
9. O Sarau Sopapo Poético transborda	33
10. Últimos passos: pelas encruzilhadas do Sarau Sopapo Poético	37
11. Referências	39
12. Anexos	46
12.1. Anexo 1: Manifesto pela manutenção do Espaço Cultural CRN Nilo Feijó	46
12.2. Anexo 2: Vitória da Comunidade Negra de Porto Alegre	48
12.3. Anexo 3: Chamada da Edição de 27 de março de 2018	49
12.4. Anexo 4: Chamada da Edição de 24 de abril de 2018	50
12.5. Anexo 5: Poema “Arte Escura”, de Cristal Rocha.	51

1. Em busca de uma psicologia Negra e Orgulhosa¹!

As produções de conhecimento em psicologia no Brasil não têm cor. Em sua maioria, elas desconsideram a raça do sujeito a quem propõe conhecer, oferecer cuidado e escuta. Não são raros psicólogos/os que ignoram a raça e o racismo enquanto diferenças importantes na produção das sociedades e sujeitos. A branquitude, blindagem dos sujeitos brancos numa sociedade racista, complexifica ainda mais essa situação: apenas o negro é marcado na sociedade brasileira. Anestesiados pelo mito da democracia racial, em geral, os/as psicólogos/as não descortinam as questões de raça e racismo no Brasil, ignorando os processos de produção de subjetividades, desconsiderando os sujeitos produzidos nesses limiares. Assim, cabe uma constatação: grande parte dos psicólogos/as no Brasil são brancos e daltônicos para as relações raciais. (CARONE, BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2012).

Há uma outra parcela dos estudos em psicologia que enxergam o negro, porém muitos desses estudos, pressupõem que é o sujeito negro que está fora do enquadre, culpabilizando-o e perdendo de vista os fluxos que compõem os sujeitos. Nessas leituras, o foco está apenas no negro, não na relação entre negros e brancos, de forma que não se vislumbra a possibilidade do enquadre ser racista.

Por fim, importantes produções de intelectuais negras obtiveram visibilidade. Essas produções apontaram os efeitos do racismo aos sujeitos negros, sua coletividade, sociabilidade, entre outros fatores. Comprovando assim, com dados estatísticos e epidemiológicos, o sofrimento que o racismo produz para o povo negro, além de denunciar que o racismo age como uma linha de vulnerabilidade social, mantendo as pessoas negras nas piores condições de vida, levando grande parte à morte. Muitas dessas produções foram realizadas há décadas, caindo numa invisibilização e esquecimento no meio acadêmico, configurando um genocídio epistêmico. Essa linha de produção de saberes em relações raciais, cuja importância para o avanço dos estudos é inegável, necessita ainda de visibilidade e discussão crítica na formação em psicologia. (SOUZA, 1983; BARCELLOS, 2016; CFP, 2017; INSTITUTO AMMA PSIQUE NEGRITUDE, 2008).

A partir do exposto, fica evidente que a psicologia tem um compromisso histórico e ético com a saúde mental do povo negro no Brasil, que representa mais da metade da população brasileira. Um desafio está colocado para a psicologia: é necessário produzir saberes

¹ Em referência à música “Say it loud: i'm black and i'm proud”, de James Brown, de 1968. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2VRSVDlpDI> >. Acesso em 12 jun. 2018

respeitando as especificidades e as histórias dos sujeitos, enfatizando seus próprios conceitos e formas de resistências.

A partir das reflexões propostas anteriormente, uma ampliação do foco da psicologia frente às vivências do sujeito negro é necessária. Proponho a apropriação da Psicologia Negra ou Sakhu Sheti, de Wade Nobles. Sakhu Sheti² busca “não apenas compreender o significado e experiência de ser africano, mas também conhecer a utilidade e a realização da fé, da alegria e da beleza em ser e tornar-se africano”, para os sujeitos negros e os territórios que habitam, considerando a diversidade entre os próprios sujeitos negros, assim como os contextos da diáspora. (NOBLES, 2009, p. 278).

Há um hiato de pesquisas que permitam destacar a potência nos variados modos de ser negro, em afirmar negritudes, em afirmar produção de vida. Pouco tem se estudado sobre as formas próprias dos sujeitos negros de produção de saúde, incorrendo no não reconhecimento (ou retirada) da agência das pessoas negras no cuidado de si, “seus significados psicológicos e funções associativas ou a(s) teoria(s) necessária(s) com respeito aos processos psicológicos africanos “normais”. (NOBLES, 2009, p. 277).

2. Do Sambarau ao Sarau Sopapo Poético: afirmações poéticas da negritude em Porto Alegre

Levando em conta a reflexão feita até aqui, desde o início desse trabalho, interrogo-me sobre como encontrar um campo de estudo que interesse à psicologia, no campo das relações raciais, que, sobretudo, foque em questões positivas relacionadas à negritude em Porto Alegre.

² “É mais do que a psicologia dos chamados povos desfavorecidos, mais do que a experiência de viver em guetos ou ter sido forçado na condição desumanizante da escravidão ou colonização. É mais do que a “dimensão mais escura” da psicologia geral. Seu status exclusivo é derivado não dos aspectos negativos de ser pessoas “negras” no continente ou em qualquer lugar da diáspora, mas sim das características positivas da filosofia africana básica que ditam valores, costumes, atitudes e comportamentos dos africanos na África e no Novo Mundo (Nobles, 1980).” (NOBLES, 2013, p. 233. (Em tradução livre.). Para esta psicologia, cunhada por Wade Nobles e demais autores da Afrocentricidade, todos os negros são compreendidos como africanos. Com isso, os autores referem-se aos negros nascidos na Diáspora e no continente africano. Por esse motivo, utiliza a nomenclatura “africano” como sinônimo de “negro”. Entretanto, Nobles compreende que o negro se torna africano, quando toma consciência da situação hostil de seu povo, resgatando os valores de África. Esse movimento está distante da maioria dos negros no Brasil e não é o foco deste estudo. Utilizarei a nomenclatura “negro” para a produção desse trabalho, pois nos interessa a relação do sujeito negro com sua negritude, independentemente de nomear-se como africano ou reconhecer-se afrocentrado. Para esse estudo, interessa o sujeito negro que toma consciência dos significados atribuídos ao ser negro e, a partir disso, depara-se com a negritude enquanto ferramenta de produção de subjetividade.

Um esboço de resposta surgiu no primeiro sarau de poesia negra que participei. Tratava-se do Sambarau.

O Sambarau é um evento que reúne samba e poesia negra. Esse evento, que ocorre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 2012, é organizado pelo Coletivo Negração,³ coletivo de estudantes negros com (algum) vínculo com a UFRGS. O Sambarau nasce no mesmo período em que nasce o Sopapo Poético, ambos influenciados pelo Sarau Bem Black, inclusive organizados por pessoas próximas, mas que ocupavam lugares diferentes na época. Apesar dos ambientes diferentes, a arte, representada pela poesia negra e pelo samba, é a ferramenta de ambos os saraus para resistirem ao processo de embranquecimento.

Vários formatos já foram realizados no Sambarau, mas via de regra há um momento em que a poesia negra convoca os participantes a declamarem. Após o momento do sarau, realizado exclusivamente com poesias negro-brasileiras, o samba entra na roda e anima o restante da noite.

Esse encontro é muito esperado pelos estudantes negros, que são a maioria dos participantes do evento, pois se fortalecem nesse momento, possibilitando seguir resistindo na defesa das ações afirmativas e permanência nesse espaço. Contudo, as últimas edições foram realizadas fora da universidade, seja por um movimento de expulsão da mesma, seja pela compreensão dos estudantes de que há outras formas de luta, sendo o ambiente universitário um território em disputa sim, mas não o único território em que as pessoas negras ocupam.

No Sambarau, meu primeiro contato com a poesia se deu. Pela primeira vez fui capaz de escutar o que um poeta queria comunicar, e ele estava gritando sobre sua negritude. A escrita de Oliveira Silveira, engasgada, era declamada assim:

“encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei”
(SILVEIRA, 2009, p.70)

³ O Coletivo Negração foi convidado para participar do Sarau Sopapo Poético na edição de abril de 2015, realizada no Acadêmicos da Orgia, período em que o sarau estava itinerante, conforme registros do blog do Sopapo Poético no link <<http://sopapopoetico.blogspot.com/search?updated-max=2015-05-19T23:55:00-03:00&max-results=4&start=15&by-date=false>>. Acesso em 06 jun. 2018. Importante relatar que também integrei o Coletivo Negração por aproximadamente 2 anos.

A poesia de Oliveira Silveira soou como tradução de meus pensamentos e emoções. Para mim, o poeta havia captado meu sentimento de perder-se e encontrar-se, fazendo-me sentir não estar só no mundo. Ali, junto a tantos outros negros e negras, um comum parecia criar-se. Como é que eu nunca soubera da existência de sua obra antes? E como é que ele pudera traduzir tão bem a mim, sem me conhecer?

A partir desses encontros, passei a perceber a dureza e a doçura contida nas palavras desse e de tantos outros poetas negros. Passei também a buscar, em um tempo próprio, a aproximação com a poesia negra, inicialmente através do Sambarau – que passou a ser um acontecimento imperdível – e, posteriormente, do Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia. Foi o Sambarau, portanto, que me levou a conhecer o Sarau Sopapo Poético, campo de estudo que acolheu essa pesquisa.

Na escrita do trabalho de conclusão de um dos fundadores do Coletivo Negração, Alisson, encontramos a seguinte intenção

Neste trabalho, há indicações sobre modos que rompam com o desejo de brancura existente em todo sujeito negro colonizado, como a poesia. A poesia e seus efeitos que reverberam. Na Bahia existia um Sarau chamado “Bem Black”, uma de suas reverberações chegou até o Rio Grande do Sul, disparando o início do Sarau Sopapo Poético, que por sua vez, reverberou no Coletivo Negração e no Sambarau. Talvez essa seja a maior intenção nesse trabalho: que reverbere em cada sujeito que entre em contato com esses escritos. (BATISTA, 2016, p.34)

3. Escolhas Metodológicas e a Caixa de Ferramentas Teórico-Conceituais

Neste estudo busquei investigar os processos de produção de subjetividade, disparados pelos encontros do Sarau Sopapo Poético, refletindo a respeito dos atravessamentos entre a negritude e território na produção de subjetividade das pessoas negras que frequentam o SSP.

Para isso, foi utilizado o método da pesquisa cartográfica, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A cartografia, segundo Rolnik,

[...]persegue, a partir do território existencial do pesquisador, [...] o rastreamento das linhas duras, do plano de organização, dos territórios vigentes, ao mesmo tempo em que também vai atrás das linhas de fuga, das desterritorializações, da eclosão do novo. Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer. (ROLNIK, 1989 apud ROMAGNOLI, 2009, p. 171).

A cartografia foi pensada como um método de análise a partir de um conceito da geografia. Sua proposta é “pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos”, guardando a devida importância aos

intervalos, aos bastidores, aos detalhes do processo, como essenciais na construção de determinada realidade. (COSTA, 2014, p. 69). Assim, não apenas o que está presente no roteiro de uma pesquisa merece o olhar do pesquisador, mas também aquilo que possa invadir o roteiro, ou até mesmo aquilo que faça abandonar o roteiro, se isso fizer sentido no percurso.

A partir disso, realizou-se:

- i) duas observações participantes, nos saraus de março e abril de 2018;
- ii) cinco entrevistas, 3 individuais e 2 com casais, contabilizando sete entrevistados/as;
- iii) uma roda de conversa com dezessete participantes.

A caixa de ferramentas teórico-conceituais incluiu leituras esquizoanalíticas da Filosofia da Diferença, cruzadas pelas discussões raciais produzidas no Brasil, informada por autores da Psicologia Negra (ou Sakhu Sheti) e Afrocentricidade. Nos tópicos abaixo, aprofundo os principais conceitos utilizados neste trabalho.

Processos de Produção de Subjetividade

A concepção de produção de subjetividade é essencial para a leitura que pretendemos nesse estudo. Para a esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari, os processos de produção de subjetividade são complexos e ininterruptos.

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. (DELEUZE, 2001, p. 76).

O processo de subjetivação é processualidade, sobretudo, pelas linhas, forças e fluxos que o compõem. Linhas de segmentaridade duras, linhas de segmentaridade maleáveis e linhas de fuga. As primeiras são as linhas das identidades hegemônicas, como "classe social, raça, orientação sexual, estado civil. Os grandes binarismos irredutíveis estão presentes nesta linha endurecida, feita de segmentos bem determinados." (GUIMARÃES, RIBEIRO, 2016, p. 158). Dizem respeito ao "controle, normatização, enquadramento" (CASSIANO, FURLAN, 2013, p.373) através dos quais busca-se manter o instituído. Sobre as linhas de fuga, elas podem ser consideradas como possibilidade de desterritorialização, de reinvenção, como fugas de si mesmo para que algo novo surja, com ênfase no movimento.

[...]as linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para

vedar as linhas de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem. (DELEUZE & GUATTARI, 1980/2012, p. 85-86)

É no cruzamento entre as linhas, ora duras, ora maleáveis, ora de fuga, que sujeito e subjetividade vão se constituindo. A subjetividade não é estanque, única e fixa, se territorializa e desterritorializa constantemente, atravessa e é atravessada. Essa foi a perspectiva utilizada na produção desse estudo.

Negritude

Um operador conceitual importante deste estudo é a noção de negritude e o modo como ela opera na produção de subjetividade dos sujeitos negros. Para Aimé Césaire, o Movimento da Negritude⁴ atuava como “uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo”. (ANDRÉ, 2007, p. 94). Se a palavra “negro” era utilizada para ofender, com o Movimento da Negritude, propunha-se uma reviravolta, tirando das mãos do inimigo uma arma ofensiva e poderosa, difundida através da palavra.

Contemporaneamente, a negritude é um conceito revolucionário, que age “tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação dos parâmetros de luta contra o racismo.” (MOORE, 2010, p. 7).

Para Oliveira, a negritude ganhou outros sentidos. Atualmente, a negritude:

[...] é uma contra ideologia construída para minorar as frustrações psicossociais de uma categoria racial e eventualmente auxiliá-la na luta direta pela modificação do *status quo* social. Pressupõe, portanto, a negação da ideologia da classe dominante, os seus valores, os seus pontos referenciais, os seus padrões estéticos, fazendo da *cultura* um dos elementos da transformação social. (OLIVEIRA, 1974 apud CARONE, 2002, p. 184).

A negritude, portanto, é percebida enquanto uma atitude negra positivada, presente em alguns sujeitos negros, como uma tentativa de afirmar um orgulho racial, para assim

⁴“Apesar de alguns equívocos, a Negritude como movimento poético-cultural ou político-social desempenhou um importante papel histórico, de vital importância no processo de descolonização das colônias europeias na África, levado a cabo no período pós-guerra, e também como instrumento de conscientização do negro em diáspora, através da desconstrução de estereótipos seculares atribuídos a ele, levando-o à construção de uma nova identidade e à reivindicação dos direitos a ele negados durante séculos. No entanto, se o movimento da *Negritude* foi dado como morto no final dos anos 60, a *negritude* como tomada de consciência por parte do negro está bem viva e pode ser facilmente encontrada aqui no Brasil nos poemas das últimas edições dos *Cadernos negros*, publicação anual custeada por poetas afro-brasileiros, ou em qualquer outra publicação de literatura que se encaixe nos moldes da Literatura Negra.” (SANTOS, 2013, sem paginação.).

enfraquecer uma das principais estratégias de dominação dos inimigos, a linguagem. (DOMINGUES, 2005). A partir dessas leituras, se pretende perceber como a negritude opera na produção de subjetividades, através da arte negra, no território do SSP, levando-se em consideração as variadas formas que ela pode assumir.

Território Existencial

Para fins deste estudo, é importante que possamos delinear alguns significados de território e indicar a perspectiva que utilizaremos. Habitamos variados territórios e muitos territórios habitam em nós. Ser ou estar no centro ou na periferia, por si só, não caracteriza um território, a menos que se leve em conta os processos de territorialização e desterritorialização que o (des)constroem, suas linhas, forças e fluxos. Na perspectiva desse trabalho o território é definido:

[...] num sentido muito amplo [...]. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo, tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, praticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (ROLNIK & GUATTARI, 2011, p. 388)

Um território existencial é, portanto, um espaço de existência, de vida, de encontros e desencontros, de enraizamentos (desenraizamentos ou re-enraizamentos). Não se trata de um endereço no mapa, um CEP, mas sim de um território em que habitam variadas existências. O território existencial, na perspectiva que conduziu esta investigação, é o lugar em que processos de produção de subjetividade são disparados, em que linhas duras, maleáveis e de fuga se chocam, e criam algo novo, como um portal que se acessa, onde o impensável pode surgir.

Esse afetamento da subjetividade pelo que não é ela, pelas relações efetuadas, pela intersecção com o “fora”, forma um agenciamento. Quando isso ocorre, linhas de fuga são construídas, convergindo em processos que trazem o novo. Esses processos são sempre coletivos, conectando-se ao que está aquém e além do sujeito e construindo novos territórios existenciais. (DELEUZE & PARNET, 1998 apud ROMAGNOLI, 2009, p. 170).

Agência

A partir dos processos de escravização e colonização, os povos africanos e seus descendentes no continente e na diáspora têm sido narrados de fora, numa perspectiva

eurocêntrica. Nesse sentido, é vital para os sujeitos negros produzirem discursos em primeira pessoa, que sirvam de linhas de fuga para quem escreve e para quem lê. Na perspectiva da afrocentricidade, *agente* é o sujeito “capaz de agir de forma independente em função de seus interesses”, respeitando sua história e sua ancestralidade. (ASANTE, 2009, p. 94). Nesse sentido, falar em primeira pessoa é essencial, pois resgata uma importante dimensão de si mesmo, protagonizando seu próprio mundo. Este percurso destacou pistas, uma delas: as pessoas negras possuem a agência frente ao SSP, mesmo que em pequenos agenciamentos.

Racismo

O racismo é uma construção histórica que circunscreve as relações sociais e produz subjetividade para negros e brancos. Esse fenômeno está entrelaçado com lugares sociais e distribuição de poder, tendo o fenótipo como linha de corte. A dinâmica do racismo atravessa atitudes e valores, invadindo “cada poro do corpo social, político, econômico e cultural”. (MOORE, 2012, p. 226). O racismo não se restringe a violências ou preconceitos, mas se apresenta como “uma estruturação sistêmica que rege o destino da sociedade racializada”, pois configura uma gestão a partir das raças dos sujeitos, monopolizando os recursos da sociedade, em nível nacional e planetário. (MOORE, 2012, p. 228). Foi o racismo que permitiu que parte de civilizações africanas fossem escravizadas e, ainda hoje, é o racismo que explica o desinteresse da psicologia em compreender um fenômeno que gera subjetividade, aprisiona e faz sofrer mais da metade da população nacional.

4. Oliveira Silveira, as Organizações e os Saraus Negros: fios de prata

“Poesia na roda,
Quem chegou é bem chegado
Umbigada em você
Pra dizer, dar o seu recado”
(Oliveira Silveira, 1980)

É comum ouvirmos dizer nos ambientes dos Movimentos Negros, que “nossos passos vêm de longe”. Essa fala não é à toa. Para o Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia, essa premissa é verdadeira, e se atualiza em cada encontro, em que através de imagem, memória e espiritualidade, Oliveira Silveira se faz presente.

Oliveira Ferreira Silveira (1941 – 2009), gaúcho, negro, foi professor, historiador e poeta. Ele foi e segue sendo uma importante figura do Movimento Negro gaúcho. Nos anos 70,

ele fundou a Associação Negra de Cultura – ANdC⁵, atual responsável pela organização do Sopapo Poético e de outros encontros culturais em Porto Alegre e pesquisou uma data para contrapor ao Treze de maio⁶, dia da abolição da escravatura, encontrando o Vinte de novembro⁷. Em parceria firme com o Grupo Palmares, em um movimento nacional, essa data se tornou “um novo referencial para o povo negro e sua luta” no Brasil. (OLIVEIRA, 2003, p. 34). No mesmo período, com o Grupo Palmares⁸, ele colocava em prática “o modelo de encontro e dinâmica do sarau, caracterizado pela roda aberta de poesia e cantiga entoada para chamar os participantes”, nos altos do Mercado Público de Porto Alegre (FONTOURA, SALOM, TETTAMANZY, 2016, p. 161). Segundo Vera Lopes⁹, “*tinha uma canção criada pelo Oliveira, que era ‘poesia na roda, quem chegou é bem chegado, umbigada em você, pra dizer, dar o seu recado’*”. As rodas de poesia negra da época não ocorriam apenas em Porto Alegre, em São Paulo, por sua vez, a referência era o escritor Cuti, Luiz Silva [Cuti]. O que havia em comum entre elas era a negritude, pois os poemas eram escritos de uma forma “*totalmente militante, trazendo a questão racial na sua escrita*” (Vera Lopes), transformando a poesia em ferramenta de reflexão e luta, muitas delas registradas nos Cadernos Negros¹⁰, da editora Quilombhoje.

As rodas de Oliveira Silveira, realizadas há quase 40 anos atrás, inegavelmente foram uma das precursoras do atual modelo do Sarau Sopapo Poético, demonstrando a importante ligação entre a história, a arte e a política.

“O grande fio condutor é a figura do Oliveira Silveira, porque essa questão de sarau de poesia ele já fazia nos anos 70” (Renato Borba¹¹)

⁵ A Associação Negra de Cultura foi fundada em 1971. Atualmente é responsável por manter vivos variados espaços coletivos negros. Como o Sarau Sopapo Poético, o Canela Preta, o Congá de Samba, entre outros.

⁶ Nos livros didáticos da história do Brasil, o dia 13 de Maio é representado como o marco do fim da escravidão negro-africana, atribuindo à princesa Isabel, mulher branca, essa decisão e retirando dos negros escravizados o protagonismo da luta que vinham travando desde o início do escravismo no Brasil.

⁷ Vinte de Novembro de 1695 é a data de registro da morte de Zumbi dos Palmares, último rei e líder do Quilombo dos Palmares. A organização palmarina representava para Oliveira Silveira “a passagem mais marcante na história do negro no Brasil. Um século de liberdade e luta contra o escravismo imposto pelo poder colonial português era coisa muito significativa e animadora. E lá estava o dia 20 de novembro de 1695, data da morte heróica de Zumbi, último rei e líder dos Palmares, marco assinalando também o final objetivo do Estado e país negro. (SILVEIRA, 2003, p. 25). Em 1978, o Vinte de Novembro foi assumido nacionalmente, pelos Movimentos Negros, como a data de referência da luta negra.

⁸ Para maiores leituras a respeito do Grupo Palmares, ver CAMPOS, 2006 e OLIVEIRA, 2003 nas referências bibliográficas.

⁹ Atriz, gaúcha, negra. Nos anos 70, participou das rodas de poesia negra com Oliveira Silveira. Referência no grupo Caixa Preta, de teatro negro. Fundadora do Sarau Sopapo Poético. Mora em Salvador há quatro anos.

¹⁰ Para maiores informações a respeito dos Cadernos Negros, importantes publicações de literatura negra, ver o link < <http://www.quilombhoje.com.br/site/> >. Acesso em 13 jun. 2018.

¹¹ Homem negro, aposentado, compositor, nasceu no bairro Mont’Serrat, quando o mesmo era composto por famílias negras. Fundador e organizador ativo do Sarau Sopapo Poético. Compõem também o grupo Conga de Samba.

“Então, ele [Oliveira Silveira] foi um grande mentor de tudo isso, e eu creio que hoje a gente tem que dar essa visibilidade à Associação Negra de Cultura (ANdC), porque o Sopapo nasceu dessas pessoas” (Maria Cristina Santos¹²)

O Sarau Bem Black, realizado semanalmente em Salvador desde 2009, cujo fundador e *performer* é Nelson Maca, também teve grande influência para o nascimento do Sarau Sopapo Poético. Primeiramente, o Sarau Bem Black encantou os gaúchos Vera Lopes, Vladimir Rodrigues¹³ e Kyzzy Barcelos¹⁴, ao presenciarem o evento no Pelourinho, em Salvador/Bahia, entre 2010 e 2011. Posteriormente, eles vieram a participar da fundação do Sarau Sopapo Poético em Porto Alegre. A partir da poesia negra performática, o Bem Black demonstrou-se como um “centro de resistência ética e estética em relação à questão da negritude em Salvador e no Brasil” (OLIVEIRA, 2012, p.12). Em 2011, o Sarau Bem Black esteve na 57ª Feira do Livro de Porto Alegre,

Ocasão em que ocorreu uma grandiosa mostra do sarau negro baiano, que há dois anos marcava o Pelourinho com a poesia negra periférica de Salvador. Com participações de artistas gaúchos e também dos jovens negros baianos do grupo de *rap* Opanijé, o sarau foi forte, inspirador e animou a comunidade negra porto-alegrense que estava carente de espaços de poesia negra. (FONTOURA, 2016, p.160)

Em entrevistas para esse trabalho, todos os organizadores do Sarau Sopapo Poético referem que o encontro com o Sarau Bem Black agiu como um catalisador para o nascimento do sarau gaúcho, reavivando a memória das antigas rodas de poesia do Mercado Público. Estavam reunidas as condições para o nascimento de um sarau de poesia negra no sul do Brasil.

“Eu vejo assim, quando tu pensa, lá atrás, no Sarau Bem Black, Porto Alegre precisa de um sarau assim, e aí eu penso que nós precisamos, eu, tu, a Kyzzy, mas é o povo que precisa.” (Vladimir Rodrigues)

“Nos anos 2000, eu acho que um dos saraus que chama muito, muito a atenção é a COOPERIFA, em São Paulo. [...] Eu não fui à COOPERIFA. Eu fui em outros saraus em São Paulo, mas a COOPERIFA eu não cheguei a conhecer. Mas aí eu fui pra Salvador. E em Salvador tava acontecendo o Sarau Bem Black, organizado por Nelson Maca. O Sarau Bem Black acontecia num bar/restaurante chamado Sankofa no Pelourinho. E aí quando eu chego lá pra conhecer o Sarau Bem Black, eu fiquei IM-PAC-TA-DA, eu fiquei totalmente impactada com o Sarau Bem Black. ‘Meu Deus o que é isso?’ (Vera Lopes)

¹² Mulher negra, de matriz africana, ativista social, bióloga. Conselheira da ANdC, contribuindo na coordenação dos projetos Sopapo Poético, Canela Preta e Informativo Negraldeia. Lidera o grupo MULHERES e coordena a REAFRO/RS.

¹³ Homem negro, advogado, músico. Fundador e organizador ativo do Sarau Sopapo Poético. Compõem o grupo Afroentes.

¹⁴ Mulher negra, nutricionista. Fundadora e organizadora ativa do Sarau Sopapo Poético. Empreendedora negra da Feira Afro do Sopapo e colaboradora do Sopapinho.

Por último, mas criando as condições anteriores, todos os entrevistados referem que algum sujeito ou organização negra os iniciou na militância, apresentando-os aos significados de ser negro numa sociedade racista, assim como apontado formas de resistir à essa relação de opressão. De Oliveira Silveira, Grupo Palmares, ANdC - Associação Negra de Cultura, CECUNE – Centro Ecumênico de Cultura Negra, Universidade Livre, Caixa Preta, aos mais contemporâneos, Coletivo Negração, Conga de Samba, MilTons, fica evidenciada a importância do grupo para a produção de novas compreensões sobre a negritude. Caso olhássemos para o papel da coletividade negra, nessa narrativa a respeito do Sarau Sopapo Poético, na sua conexão com a arte negra de resistência, poderíamos enxergar os variados grupos negros acima citados e muitos outros espalhados por aí.

“E o grupo, e a coisa da poesia e da arte, ela é curadora, o grupo é muito curador, e a gente vê a transformação das pessoas acontecendo. De todos nós, mas com certeza a gente vê mais daquelas pessoas que não tinham a militância, negra, política, que faziam poesia, mas não tinha essa preocupação e esse reconhecimento.” (Maria Cristina Santos)

5. Sarau Sopapo Poético – Ponto Negro da Poesia: território existencial para a negritude em Porto Alegre

“O nosso povo precisa de um espaço que ele vá, independente de quem faça, de quem esteja ali na organização. No nosso caso é a poesia, a poesia negra, a literatura, palavra escrita, falada, mas tem outros eventos também que reúne gente, mas eu penso nessa importância de ter um espaço de expressão.” (Vladimir Rodrigues)

O Sarau Sopapo Poético é um sarau negro, que ocorre sempre na última terça-feira do mês, desde 2012, organizado pela Associação Negra de Cultura (ANdC). Os encontros do Sopapo ocorrem de março a novembro. Em cada edição, um/uma representante da arte negra é convidado/a para ser homenageado, seja escritor, sambista, ator, entre outras formas de manifestação da arte negra. O/a convidado/a, por sua vez, sempre é uma pessoa negra, garantindo a manutenção da agência das pessoas negras sobre esse espaço. Assim, não apenas o sarau é negro, mas o artista e a arte também. Cuti (2010), com seu conceito de literatura negro-brasileira, nos ajuda a compreender o tipo de arte que é convocada à roda do Sopapo, esmiuçando a ideia de “negro” presente no sarau gaúcho:

A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. [...] O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p. 44-45)

Dessa forma, a arte que se apresenta no Sarau Sopapo Poético é, principalmente, uma arte negra de resistência à situação imposta pelo racismo da sociedade brasileira. A partir desse referencial artístico e político, o sujeito negro que adentra o SSP irá se deparar com elementos novos a informar sua negritude, disparando processos de subjetivação, atualizando a concepção de si mesmo. Faço uma aposta de que Gleici Oliveira, ao escrever sobre o Sarau Bem Black, escreve também sobre o que se produz no Sopapo Poético – embora sem conhecê-lo –, levando-se em consideração os elementos negros que se fazem presentes lá e aqui.

O armamento: somente a arte. A palavra que se expressa de diferentes formas e que constrói um solo frutífero de ensinamentos. Uma poética estabelecida pelo viés da divergência. Que provoca, fere, rasga. Não acalma e nem embala sonhos ou suspiros. Pelo contrário, desafia e subverte tudo o que está posto. E ninguém fica imune. (OLIVEIRA, 2012, p. 40)

Vladimir Rodrigues, a respeito da representação do sarau e do que nele é produzido, nos diz:

“Ele [o sarau] representa esse lugar de encontro e de expressão, de livre expressão do povo negro, dentro da sua resistência, da sua luta. A gente costuma dizer que o Sopapo Poético é um espaço de cultura negra de resistência, porque espaço de cultura negra, quando tu vai ver, o boteco ali da esquina também é, só que os caras vão ali tocar pagode e encher a cara de cerveja, isso aí [também] é cultura negra, mas que se confunde com entretenimento, que não tem uma dimensão política, e pra nós essa é a referência, política. Então, [o Sopapo] é esse espaço de livre expressão negro e da cultura negra de resistência, é um espaço de referência, se tornou um espaço de referência.” (Vladimir Rodrigues).

O sarau conta com um momento de abertura da roda de poesia, para o qual as pessoas se inscrevem. Entre a declamação de um poema e outro, a música entoada pelo tambor acompanha a entrada e a saída da roda, demonstrando o entrecruzamento entre palavra e corpo para o povo negro do sul. Assim como o Sarau Bem Black, no qual o Sopapo busca inspiração:

[...] a literatura, nesse local de sociabilidade, não aparece como um elemento transformador solitário. Está associada a outras manifestações artísticas para nutrir o seu campo de significações de energia e divergência. A música aqui interage entre um poema e outro, e também é uma substância divergente essencial para a potencialização do saber e da identidade dessa batalha literária. (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

“O tambor vai fazer toda essa parte que pra mim é um dos elementos do sarau, é o ritual, é não deixar que o sarau perca o seu ritual, porque ali tu canta pra começar o sarau, pra convocar as pessoas pra roda de poesia, tu canta pra chamar as pessoas, e se possível, tu canta pra acabar o sarau também. E eu acho que isso tá muito ligado aos elementos da nossa cultura, até da nossa religião mesmo, de tudo ser cantiga, e de todo mundo cantar junto, cantigas mais fáceis, cantigas coletivas, ... faz da música do canto, com o tambor, ser essa coisa do espaço do ritual, o que é religioso pra nós ali, é a literatura, literatura negra é a nossa palavra, tudo gira em torno da poesia negra ali, então a roda tem que ter tambor, tem que ter a roda de poesia, tem que ter poesia, tem que ter também o axé inicial, a licença, é muito fundamental, porque isso também é um outro fator dos nossos valores”(Pâmela Amaro¹⁵).

¹⁵ Fundadora do SSP. Atriz, cantora, arte-educadora. Graduada em teatro, mestranda em educação das relações étnico-raciais. Atua no grupo Três Marias, com carreira solo em expansão.

6. O Mergulho na Pesquisa Cartográfica no Sarau

Quando meus primeiros passos na cartografia do Sarau Sopapo Poético ocorreram (passos esses de continuidade e complementaridade, pois antes do meu caminhar, muitos passos foram dados), estavam carregados de perguntas e apostas. As principais questões na construção do projeto de pesquisa permeavam a busca pela compreensão dos elementos e os significados que constituíam o Sarau Sopapo Poético e, em meio a isso, captar as significações dos sujeitos negros (organizadores e frequentadores) sobre si mesmos, assim como as linhas de fuga do processo de subjetivação, dando ênfase ao território existencial produzido *para e com a* negritude ao longo do sarau. No texto que segue, irei apresentar os elementos que se destacaram, permitindo uma maior caracterização do sarau.

Enquanto pesquisadora, participei de dois encontros do SSP. Entretanto, como frequentadora, muitas vezes declamei nas rodas de poesia, além de manter estreita relação com vários organizadores, poetas e com o sarau em si mesmo, subjetivando minha forma de habitar esse território.

6.1. Não Deixe de Sonhar – Realize: edição de março do Sarau Sopapo Poético

A edição de março do Sarau Sopapo Poético foi realizada no dia 27 do mesmo mês, nas dependências do Centro de Referência do Negro. A edição de março representou o reencontro e reinício dos trabalhos do grupo, em recesso desde novembro de 2017.

A convidada homenageada foi a escritora Maria José Moreira do Nascimento, apresentando o seu livro de poemas “A Nonagenária e o Psicólogo”, lançado em 2017. A chamada do evento, lançado na página do facebook do Sopapo Poético – principal meio de divulgação do sarau –, foi “NÃO DEIXE DE SONHAR – REALIZE” (texto na íntegra em anexo).

Nesta edição ficou evidente que o convidado modifica o público que comparece. Ou seja, nesse encontro compareceram ao Sarau muitos frequentadores mais velhos, em torno de 70 a 90 anos, sendo que o sarau é frequentado em sua maioria por pessoas negras entre 30 a 50 anos, a maioria de mulheres.

O livro de poesias “A nonagenária e o psicólogo”, escrito por Maria José e seu psicólogo Felipe Rigon, evidencia o laço construído entre ambos, durante o tratamento psicoterápico de Maria José. Destaca também a dimensão que a literatura assume na vida da nonagenária. Ela conta da importância de receber uma escuta para suas questões, nessa etapa de sua vivência. Felipe, por sua vez, confessa que em muitos momentos foi ela quem lhe ouviu, da sabedoria do triplo de sua idade. Felipe, homem branco, com pouco mais de 30 anos, reside em outro estado,

mas estava presente no sarau, a convite de Maria José. Tendo em vista que o livro foi composto com poesias de ambos, ela negra e ele branco, e seu deslocamento para estar presente na homenagem a ela e ao livro de ambos, um impasse se apresentou aos organizadores do sarau: seria permitido que Felipe lesse, na roda de poesia negra, uma poesia sua?

No início de cada sarau, um dos organizadores anuncia que a roda de poesia é negra, com protagonismo negro, e convida estes sujeitos a ocuparem-na, trazendo narrativas também O protagonismo das pessoas negras enuncia suas vivências, com suas vozes e corpos. Mesmo assim, os elementos da vida e desta cartografia se cruzam. A agência cede lugar à ancestralidade, e um pedido da mais velha é atendido: Felipe é chamado à roda para declamar uma poesia sua, portanto branca – apesar de inspiração negra, pois foi escrita em homenagem à Maria José. Esse acontecimento demonstra que as linhas que constituem o sarau são flexíveis, elásticas e que um pedido do mais velho deve ser respeitado, sem questionamentos, colocando a ancestralidade acima de tudo.

O encontro entre a convidada Maria José e organizador do sarau Renato Borba, dois mais velhos, foi muito bonito e emocionante. Seu Renato é compositor. Ele cantou um samba na roda do Sopapo – como costuma fazer, representando a “a poética do samba” (Renato Borba), juntamente a outros sambistas do sarau. Sua canção remeteu à Porto Alegre que ambos viveram em suas juventudes. Ela cresceu na Colônia Africana (atual bairro Rio Branco, ironicamente), ele cresceu na Bacia do Mont’ Serrat (leva o mesmo nome, mas sem os moradores negros). Ela, nascida em 1921, e ele, nascido em 1944, ou seja, criados em antigos territórios negros, dos quais foram expulsos, eles, suas famílias e a negritude. (VIEIRA, 2017).

Ao final do sarau, antes de despedir-se, Maria José anuncia seu desejo para o Sopapo, além de vida longa, que o sarau tenha uma casa para chamar de sua. Ela faz uso da palavra com muita sabedoria, desvelando a necessidade do Sarau Sopapo Poético em ter um território próprio, necessidade percebida também na fala de muitos entrevistados, ao longo dessa pesquisa:

“A vantagem de um lugar fixo, [...] é de sentir dentro do seu próprio espaço e de ter autonomia sobre ele. Coletivamente eu acho que a gente tem perna pra dar conta de um espaço, de ter a estrutura, de decorar [...] a gente tem que ter um espaço que a gente possa fazer isso, que a gente possa entrar e dizer essa é a nossa casa, e aqui entra quem a gente quiser, da comunidade negra.” (Pâmela Amaro)

6.2. A Juventude Negra e o Slam – edição de abril do Sarau Sopapo Poético

A edição de abril do Sarau Sopapo Poético ocorreu no dia 24 de abril de 2018, nas dependências do CRN. Nesse encontro os convidados foram Cristal Rocha e Bruno Silva dos

Santos – conhecido como Bruno Negrão¹⁶, ambos participantes do *slam* na cidade de Porto Alegre. Segundo informação da divulgação do evento do sarau “O ‘slam’ (ou ‘poetry slam’) consiste em um campeonato de poesia falada. Foi concebido nos anos 1980 em Chicago, cidade dos Estados Unidos, contemporaneamente ao surgimento do movimento hip hop.” (Em anexo, texto na íntegra de divulgação do evento).

O cenário da segunda edição do Sopapo Poético, foi dos mais velhos à juventude negra em apenas um mês. Dos 97 anos, de Maria José, aos 15 e 21 anos, de Cristal Rocha e Bruno Negrão. Da mesma forma, os frequentadores do evento apresentaram essa variação geracional. Havia muitos jovens presentes nessa edição, mas entre eles uma diferença estava colocada: o acesso ao ensino superior. Há algumas edições, o Sopapo tem contado com a presença de jovens negros. Esses jovens são, em sua maioria, estudantes universitários, demarcando uma característica da maioria dos frequentadores do sarau, independentemente de suas idades: formação de ensino superior. O *slam*, por sua vez é um evento realizado na rua, contando com a participação de muitos jovens periféricos não acadêmicos. Tendo em vista que os convidados eram *slamers*¹⁷, muitos jovens negros de fora do ambiente universitário estavam presentes, presenças inéditas nesse ambiente.

A apresentação de Cristal e Bruno veio carregada de performance, característica marcante do *slam*. Juntamente, vieram a interação do público com o declamante, através de “uouu”, gritos, notas e palmas. A dureza das palavras, por vezes atribuída à uma postura jovem e radical, também esteve fortemente presente nas apresentações. O jovem poeta Duan Kissonde, com 24 anos, considerado o caçula do grupo, conta como foi sua chegada no Sopapo. Apesar de não ter uma participação ativa na organização do sarau atualmente, teve poemas publicados no livro “Sopapo Poético: Pretessência” e foi convidado de uma edição, conforme comentarei adiante.

“Eu me senti realmente muito fortalecido, na verdade, por mais que eu tivesse várias coisas assim, ideias da pessoa que é mais jovem, mais radical, em algumas coisas, eu pensava ‘não é por aí que as coisas funcionam’. Mas tem uma energia espiritual também, que vai desde a Cristina abrindo, pedindo os caminhos pro Bará, toda aquela coisa que é um ritual, que não muda nunca, aquilo ali parece que é a roda do batuque nosso que vai se abrir, que todos os orixás vão nos proteger”. (Duan Kissonde¹⁸)

¹⁶ Nessa edição Lilian Rocha, poeta do SSP, estava como mestre de cerimônias, conduzindo o sarau. A mesma apresenta Bruno com nome completo. Refere que aprendeu que os negros devem sempre apresentar-se com nome e sobrenome, mesmo que tais nomes sejam da família do escravizador. Por muito tempo a linhagem familiar (colada ao nome) foi retirada do povo negro em solo brasileiro, assim como as reduções a apelidos.

¹⁷ Nome dado aos poetas do *slam*.

¹⁸ Poeta negro, graduando em história pela UFRGS e meu noivo! Tem publicações no Livro Pretessência, sua poesia dá nome ao livro, e no Livro Jovem Afro, da editora Quilombhoje, 2017.

Os poemas de Cristal trouxeram em seu cerne questões próprias de uma jovem negra, como: a construção de um papel positivo da mulher negra na sociedade¹⁹; afeto entre negros; o lugar da mulher negra na sociedade; a importância das mulheres negras na sua vida. Suas mais velhas, mãe e avó estavam sentadas na primeira fileira do sarau. Suas palavras surpreenderam, pela estética da sua poesia, pela riqueza dos argumentos, tudo isso, a partir dos versos de uma jovem de apenas 15 anos:

“Nós viemos erradicar
 Todos esses costumes
 Que eles insistem em preservar
 Eu cansei de ser tipo a Cláudia
 Eles falarem senta lá
 Eu vim aqui pra provar minha postura definitiva
 Porque eu sou a prova viva
 Que a juventude negra agora tem voz ativa
 E eu não tenho tempo pra perder”.
 (ROCHA, 2018).²⁰

Bruno Negrão trouxe em seus poemas questões relacionados ao lugar do negro na sociedade, entrecruzadas com questões da periferia gaúcha. Questões relacionadas à escravidão, assim como aos estereótipos impostos aos negros também estavam presentes. Bruno também saudou sua mais velha, sua avó, presente na primeira fileira do sarau.

A “Poesia inverteu as estatísticas”²¹, de Bruno nos coloca em reflexão:

“E a poesia inverteu as estatísticas
 Fez tudo aquilo que o Estado não fez
 [...]
 Despejo em linhas anos amargurados com rancor
 Pode até falar que é ‘mi mi mi’
 É que eu sou porta voz
 Do mano que chora após perder o trampo por causa da cor”

À medida que esse *caminhar com* ao longo da pesquisa foi se dando, novas perguntas e novas apostas foram se configurando, num processo esquizoanalítico, de movimentos, linhas, fluxos e forças. Os elementos que se destacaram como sendo essenciais na cartografia do Sarau Sopapo Poético, a partir das variadas vozes escutadas, foram: a arte negra de resistência; o papel do tambor na roda de poesia; a importância do território próprio, sempre em disputa; as organizações negras e os mais velhos iniciando pessoas na compreensão do lugar atribuído ao

¹⁹ Referência ao poema “Arte Escura” (em anexo), de Cristal Rocha. (ROCHA, 2018)

²⁰ Material retirado da participação da *slammer* Cristal Rocha em jornal regional. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos/t/todos-os-vidEOS/v/slammer-cristal-rocha-se-apresenta-no-palco-do-compartilhe-rs/6763498/> >. Acesso em 06 jun. 2018.

²¹ Material retirado da página do facebook do *slammer* Bruno Negrão, referente à sua participação no Programa Manos e Minas de 19.05.2018, da TV Cultura. Disponível em: < <https://www.facebook.com/negraobruno/videos/1531840746925049/> >. Acesso em 06 jun. 2018

negro na sociedade; o jeito de aldeia e terreiro que o Sopapo Poético tem adquirido, como um lugar para as variadas gerações, tendo como muito especial, o Sopapinho.

Cada sarau é diverso do anterior, embora, muitas vezes, as mesmas pessoas estejam presentes, os movimentos que se produzem dependem do convidado, dos participantes que adentram a roda, das lutas travadas pelas pessoas negras naquele mês, entre outros. A linha que conecta uma edição do sarau à outra é transpassada pela arte negra de resistência, pela negritude e pelas pessoas negras.

“Se não tiver as pessoas negras, não tem um sarau negro, são as principais agentes, porque se não tiver pessoas negras pra declamar, não tem roda, não tem sarau. E as imagens são importantes pra gente construir esse lugar, onde tu tem um Oliveira Silveira, um Giba-Giba, o Grito da Periferia, tudo nos localiza, é esse ponto negro, né, porque tem pessoas negras, a literatura é negra, as imagens, as referências de artes, tudo é negro aqui.” (Pâmela Amaro)

“Elemento principal é a negritude, isso não pode faltar, de jeito nenhum, nem pessoas negras fazendo, nem pessoas negras na organização, e nem autores negros, porque a gente centra na palavra, então o sarau é palavra, então a gente tem que ter esses autores, tanto homens quanto mulheres.” (Vera Lopes)

7. Centro de Referência do Negro Nilo Feijó - Território, Negritude e Existência em Disputa

“E ele [Giba Giba²²] falou ‘Cuidado que eles já nos viram. Vocês estão ocupando um espaço muito importante, eles vão ver que a gente tá aqui e aí vocês vão começar a incomodar. Cuidado que eles já nos viram’. E realmente, não demorou um ano, um ano e meio, já vieram intimações dizendo que o espaço não era apropriado para atividades, que estava em risco, e que a gente tinha que sair dali” (Pâmela Amaro)

A última terça-feira do mês, é noite de denegrir o bairro Menino Deus, ocupando o Centro de Referência do Negro Nilo Feijó (CRN). Para a filosofia afroperspectivista:

Denegrir é um conceito filosófico afroperspectivista que significa enegrecer, assumir versões e perspectivas que não são hegemônicas, considerar a relevância das matrizes africanas para o pensamento filosófico, investigar em bases epistêmicas negro-africanas. (NOGUERA, 2016, p. 299).

Ironicamente, o atual espaço do CRN está localizado em Porto Alegre próximo à antiga Ilhota²³, bairro habitado pela população negra em décadas anteriores. O SSP ocupa, portanto,

²² Gilberto Amaro do Nascimento (1940 ou 1936 – 2014), mais conhecido como Giba Giba, foi um cantor, compositor, percussionista e ativista cultural brasileiro. Fundou a Escola de Samba Praiana. Foi um dos maiores expoentes na utilização do tambor sopapo, instrumento que traduz muito da identidade musical gaúcha, e que dá nome ao Sarau Sopapo Poético. Trabalhou, por muitos anos, para a difusão da cultura negra no Sul do país.

²³ “A Ilhota era uma pequena área, totalmente circundada por uma das curvas do Arroio Dilúvio, após o seu encontro com o Arroio Cascatinha. Localizava-se ao sul da Praça Garibaldi, mais precisamente entre a Rua Arlindo (atual Rua Érico Veríssimo) e a Rua 13 de Maio (atual Av. Getúlio Vargas), tendo como limite sul a Rua 17 de Junho.” (VIEIRA, 2017, p.121) “No final da década de 1960 a Ilhota deixou de existir, sendo grande parte de seus moradores removidos para o bairro Restinga, localizado no extremo sul da cidade, distante cerca de 26 km do Centro. Sem nenhuma infraestrutura à época, a Restinga foi o local escolhido para “acolher” as populações residentes em núcleos habitacionais de baixa renda, removidas de diversos pontos da cidade” (VIEIRA, 2017, p.127)

um território negro da cidade de Porto Alegre, que guarda consigo a memória dessa negritude. Na perspectiva de VIEIRA (2017):

Os nossos territórios negros são num primeiro momento espaços físicos habitados por pessoas negras. Mas, mais do que isso, são espaços simbólicos, repletos de sentidos e significados relacionados às práticas ali existentes, a uma ancestralidade negra, a uma memória negra, a um modo de ser e estar negro. (VIEIRA, 2017, p. 42).

Os territórios em que os negros porto-alegrenses se fixaram no período pós-abolição estavam para além dos limites da cidade, ou seja, eram espaços de pouco interesse para a população branca. Entretanto, à medida que a cidade foi crescendo, as localidades desses territórios passaram a ser interessantes para o mercado imobiliário, sendo invadidos por essa expansão. E assim bairros, outrora negros, foram embranquecidos pelas remoções de famílias negras para regiões extremas e pelos altos custos dos impostos cobrados (à medida que a população branca passava a residir nessas localidades). Independentemente da estratégia, vemos ainda hoje os efeitos da expulsão das pessoas negras dos territórios aos quais tinham pertença e laços comunitários. “Para alguém que nasceu na Porto Alegre dos anos 1980 em diante, a periferia é o espaço onde estão concentradas a maioria das pessoas negras, seu “lugar comum”. Porém nem sempre fora assim.” (VIEIRA, 2017, p.19).

“Territorialidade é algo importante, a gente tem que ocupar esses locais. [...] Hoje [o bairro do CRN] é um lugar totalmente branco, já foi um lugar totalmente negro, então ‘ponto negro da poesia’ também se refere a esse lugar que já foi e que a gente, de alguma forma, retoma. Então é importante que a gente esteja naquele lugar, é importante fixar aquele lugar como um lugar também nosso. Então essas são as coisas que não pode faltar pra mim, a questão racial no centro e a territorialidade.”
(Vera Lopes)

Tendo isto posto, é importante refletirmos que o CRN se localiza num território historicamente negro da cidade de Porto Alegre, hoje embranquecido. Embora no centro de si mesmo, enquanto um espaço de negros para negros, e próximo ao centro da cidade²⁴, o SSP segue constituindo uma ilha de negritude em um estado majoritariamente branco²⁵ do Brasil, o Rio Grande do Sul.

O CRN, espaço criado em 2012, foi inaugurado²⁶ em março de 2016. Durante a realização dessa pesquisa, um episódio demonstrou o lugar que o CRN ocupa para a atual

²⁴ O CRN está há aproximadamente 3km do Centro Histórico da cidade de Porto Alegre/RS.

²⁵ Em 2016, segundo PNAD, o Estado do Rio Grande do Sul contava com 18,2% de população negra autodeclarada, sendo que no Brasil essa mesma população representava 54,9%.

²⁶ Em matéria a respeito, lemos “Está é a conquista de uma antiga reivindicação da comunidade negra e o objetivo é que o local acolha e promova debates, palestras e fóruns de discussões. O Centro de Referência do Negro, recebeu o nome de Nilo Feijó, em uma justa homenagem ao carnavalesco e antigo militante do movimento.” (OLIVEIRA, 2016).

gestão²⁷ de Porto Alegre (2017 – 2021). A Prefeitura, arbitrariamente, decidiu estabelecer o CRN como posto de coleta, triagem e depósito da Campanha do Agasalho, apesar da discordância do Conselho Gestor do CRN, responsável pela gestão do espaço. Ao chegar no CRN para a edição do SSP de maio de 2018, os participantes do sarau esbarraram nas sacolas de arrecadações da Campanha, exatamente no espaço onde o Sarau é realizado. Como forma de resistência e demonstração de que o espaço tem dono, o Sarau foi realizado mesmo assim, porém, na parte superior do CRN. Esse movimento de expulsão da gestão da cidade já é conhecido pelos povos negros, “removidos” anteriormente deste mesmo bairro. Nesta ocasião, se tratava de uma tentativa de expulsão, não de residências familiares de um território negro, mas de uma expulsão do território existencial da negritude gaúcha, preservada no CRN. Ou seja, se tratava de uma tentativa de expulsar de vez a memória e o pertencimento do povo negro, o expulsando de sua casa mais uma vez. Nas palavras da própria Associação Negra de Cultura (ANdC) (texto na íntegra em anexo):

As entidades proponentes e o conselho gestor, reunidos nesta data por ocasião do evento literário e musical Sopapo Poético - Ponto Negro da Poesia e a Associação Negra de Cultura (ANdC) juntamente com seus idealizadores, apoiadores, artistas colaboradores e frequentadores, vêm DENUNCIAR e REPUDIAR com veemência o ataque da Prefeitura Municipal à cultura negra em nossa cidade, que visa descaracterizar as funções específicas do espaço cultural Centro de Referência do Negro NILO FEIJÓ. (SOPAPO POÉTICO, ANDC, 2018).

A comunidade negra de Porto Alegre se reorganizou, a partir do episódio acima citado, resistindo pelas mídias, pela união das organizações negras, pelos canais legais, e tantas outras estratégias possíveis. No dia seguinte a Prefeitura decidiu por retroceder na decisão do uso do CRN para a Campanha do Agasalho. Uma batalha vencida! Ao povo negro, um suspiro na luta pelo seu território.

“Por outro lado, nos mantemos ali, por que ali é um espaço historicamente negro então, estamos tratando, acima de tudo, como um espaço de resistência negra. Mas, em alguns momentos, tem sido o gargalo do Sopapo” (Renato Borba)

“Porque tudo que é nosso vai indo pra periferia, vão empurrando pra lá, [...] Floresta Aurora, [...] Prontidão, o que dificulta o acesso, o acesso da gente nas atividades, daí vão morrendo, ...” (Maria Cristina Santos)

Na disputa pelo território, “mesmo em situações adversas e dentro de contextos cerceadores, o grupo negro conseguiu elaborar estratégias de resistência e manutenção de suas raízes.” (VIEIRA, 2017, p.32). A luta pelo CRN é a luta pela negritude gaúcha, manter esse espaço tão batalhado é manter viva a memória dos sujeitos negros da antiga Ilhota e de muitos

²⁷ Nesta gestão, as políticas públicas relacionadas ao povo negro passaram a ser coordenadas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte - SMDSE, anteriormente a cidade contava com a Secretaria Adjunta do Povo Negro, agora extinta.

outros espaços embranquecidos nessa cidade. Disputar o CRN é também disputar a negritude, e em última instância, disputar formas negras de existência!

“O que ia ser de mim se não tivesse o Sopapo Poético? Então a gente tem que lutar por mais espaços como esses, entendeu? Eu agradeço ao Sopapo, por ter me convidado a fazer parte.” (Fátima Farias).

“A chegada no Sopapo foi como se eu estivesse de volta em casa, toda aquela gente preta, gente igual, gente diferente, gente que aceita a diferença, homossexual, gente que não tem uma formação e gente que tá na faculdade, gente preta estudando medicina, sabe? Foi uma coisa e continua sendo pra mim, muito forte! Outro dia eu tava comentando com uma amiga, nossa o pessoal do Sopapo não imagina quantas vezes eles salvaram a minha vida e continuam me ajudando nesse sentido.” (Luciana Ayola²⁸).

Manter o CRN sob domínio dos Movimentos Negros, assim como manter viva a chama do Sarau Sopapo Poético, é viver sob o fio da navalha, entre ter a agência sobre suas próprias ações e território, e relacionar-se com os gestores das políticas públicas do povo negro. Essa é uma questão que se coloca para muitos movimentos sociais: até que ponto é possível construir, juntamente ao Estado, meios e/ou políticas públicas que visem garantias de direitos, sendo que o Estado sempre foi – e segue sendo – o principal responsável pelas mortes negras (mesmo que nem sempre puxe o gatilho)?

Deparar-se com a disputa do território físico do Sarau Sopapo Poético, deflagra a necessidade de lutar, acima de tudo, pelo território existencial produzido nesse encontro. Não se trata apenas de uma questão geográfica, mas sim de uma questão de vida!

8. Sarau Sopapo Poético: negritudes, ancestralidade, múltiplas vozes e devires!

A subjetividade, e conseqüentemente o sujeito, estão em constante construção e desconstrução, de acordo com os fluxos que os atravessam. É no cruzamento entre as linhas, ora duras, ora maleáveis, ora de fuga, que sujeito e subjetividade vão se constituindo. As pessoas não nascem negras, se tornam negras. Por esse motivo, frases como “eu me percebi negra” são recorrentes, visto que vir a ser negro é mais que reconhecer o tom de sua pele. Primeiramente, é compreender os significados atribuídos a esse corpo, a essa pele, a esse corpo racializado. (NOGUEIRA, 1998).

Em seguida, ao sujeito negro se impõem a necessidade de desconstruir as ideias negativas coladas a esse corpo, para ser capaz de positivar sua compreensão sobre si que, neste trabalho, perpassa um processo de conexão com a negritude. Isso é necessário pois, ninguém quer fazer parte de um grupo que é carregado de deméritos, apagamentos e invisibilidades. A

²⁸ Fonoaudióloga, pós-graduada em reabilitação auditiva. Participa da Organização do Encontro das Pretas e, em 2018, passou a integrar o grupo que organiza do Sarau Sopapo Poético.

medida que esses estigmas vão sendo problematizados, refletidos e uma nova visão sobre o povo negro vai se construindo, fica mais possível assumir-se, reconhecer-se, devir negro. Para Neusa Souza (1983), no clássico “Tornar-se negro”

A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar muitos véus.) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. ” (SOUZA, 1983, p. 18)

Desta forma, não basta ser negro, isso vai se constituindo! Devir é um processo, é uma constante produção de si, necessitando de reinvenções constantes. Embora haja vários percursos que auxiliem os sujeitos negros nesse processo, os entrevistados apontaram a coletividade e o resgate da história do povo negro como essenciais. Deparar-se com um grupo de pessoas negras em um território negro, convoca o sujeito a repensar sua negritude.

“... pensar num ancestral, pensar no antepassado, pedir força pra vó que já foi, pedir força pro santo, acho que isso me constitui, mas eu tenho aprendido com a militância assim, com os militantes mais velhos, também essa negritude que é voltar ao passado, buscar o que é nosso, bem aquela lógica Sankofa, assim de mexer na história, e na história buscar essa verdade que não foi apresentada. Então eu só me constituo mais negra hoje por saber que a África é o berço da humanidade, por saber a importância do Egito e por estar cada vez mais descobrindo sobre esse passado [...] que é um passado glorioso, e isso faz cada vez mais enxergar a minha negritude e fazer dela também gloriosa, [...] se a gente tem um passado glorioso, nosso presente vai ser glorioso, a gente vai seguir esses passos. [...] a negritude pra mim seria isso, além dos traços fenotípicos, esse jeito de ver o mundo, que pra mim passa muito por esse lugar da arte. Mas hoje eu vejo que quanto mais eu estudar a nossa história, essa negritude toma proporções ainda maiores. ” (Pâmela Amaro)

A ideia de um reencontro com a negritude não deve ser compreendida como uma busca por uma essência negra, baseada numa África mítica. Aliás, esse argumento é recorrente frente à história das minorias, principalmente aos africanos e seus descendentes. Entretanto, a mesma crítica não se sustenta frente a todas as “verdades universais” que povos europeus criaram e sustentaram. Verdades suas, unicamente, que foram impelidas a muitos povos, como se fossem universais.

Para o povo negro diaspórico, a busca é pelo resgate e reconstrução de uma história, um passado negado e apagado pela história universalizada. A busca é por referências que auxiliem o sujeito a construir um presente para si, a partir de seu próprio repertório, com base em seu próprio centro, com agência. (ASANTE, 2009). Este presente não é estanque, atravessará passado e futuro, estará sempre em construção. São essas referências positivadas sobre o negro que lhe auxiliarão em seu processo de devir.

A ideia de devir está ligada à possibilidade ou não de um processo de singularizar. Singularidades femininas, homossexuais ou negras podem entrar em ruptura com

estratificações dominantes. Essa é a mola mestra da problemática das minorias: uma problemática da multiplicidade e da pluralidade e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico [...]. Para resumir, à ideia de reconhecimento de identidade eu oporia uma de ideia de processos transversais, de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais. E eles podem fazê-lo porque eles próprios são processos de subjetivação, eles configuram a própria existência dessas realidades subjetivas. Mas eles não podem existir em si e sim num movimento processual; é isso que lhes dá sua potência de travessia em todas as estratificações - estratificações materiais, de sentido, de sistemas maquínicos e assim por diante. (GUATTARI, ROLNIK, 2011, p.86).

O devir negro disparado no território existencial do Sarau Sopapo Poético se torna possível em função de alguns elementos que o constituem. Esses elementos nas vozes dos entrevistados são a ancestralidade, a negritude e a arte negra de resistência. Que serão apresentados a seguir, a partir da perspectiva dos mesmos.

NEGRITUDE

“[Negritude é] uma forma de ver o mundo, de se comportar, de sentir, que nos identifica como pessoas, como seres em específicos, com uma memória, com uma história, enfim, é mais do que cor, é uma forma de ser e sentir mesmo ...” (Maria Cristina Santos)

“A minha negritude, é o meu ser negro, o que de mim é negro, o que me caracteriza como negro, eu acho que, pra mim, é uma coisa até mais espiritual, assim, uma coisa de sentir-se como negro. Claro, tem a ver com os traços, com a cor, mas eu sinto isso, a negritude pra mim é essa coisa de sentir-se negro, de gostar-se negro, de identificar-se como negro, é a minha negritude. E é uma coisa que também é construída, né?” (Vladimir Rodrigues)

Ao falar da negritude dos dias de hoje, se faz necessário referenciar o Movimento Literário da Negritude surgido em 1939, na França, na pessoa do martinicano Aimé Césaire:

A Negritude foi uma forma de revolta, em princípio contra o sistema mundial da cultura tal qual ele se constituiu durante os últimos séculos e que se caracteriza por um certo número de preconceitos, de pressupostos que resultaram em uma hierarquia muito rígida. Dito de outra forma a Negritude foi uma revolta contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu. [...] [Um] sistema de pensamento ou, principalmente, da tendência instintiva de uma civilização eminente e prestigiosa de abusar do seu próprio prestígio, para instalar o vazio em torno dela ao reduzir abusivamente a noção de universal, cara a Léopold Senghor, às suas próprias dimensões, isto é, em pensar o universal a partir dos seus postulados e por meio de suas próprias categorias. [...] A negritude não foi um impasse, é porque ela levava além. Aonde ela nos levava? Ela nos levava a nós mesmos. E de fato, era – após uma longa frustração – a apropriação do nosso passado por nós mesmos e, por meio da poesia, por meio do imaginário, por meio do romance, por meio das obras de arte, a figuração intermitente do nosso possível devir”. (CESAIRE, 1987 apud CESAIRE, MOORE, 2010, p.110).

A negritude é pensada no Sarau Sopapo Poético a partir de vários elementos. Nas entrevistas, os participantes do Sarau reconheceram a existência de um conceito histórico, algumas vezes atribuindo ao Movimento Literário e a Césaire. Mas, frequentemente, a negritude foi referenciada como uma tomada de consciência de ser negro e seus significados,

como um acontecimento importante e necessário, para que mudanças possam ocorrer na vida do sujeito e seu povo. A negritude como uma tomada de consciência se aproxima do referencial teórico deste trabalho, configurando uma importante pista dessa cartografia.

“É um processo na verdade, a negritude, eu tenho observado assim, talvez as novas gerações que tão vindo já vem com isso de berço, que nem as crianças [refere-se aos seus filhos], ou outras crianças que a gente conhece que vão também no Sopapinho, que já vão e militam na escola, não deixam passar qualquer situação de racismo, as crianças já tão sabendo, e aí elas vão lá e reivindicam. [...] Agora, na contrapartida, no meu tempo, eu tenho 35 anos, foi uma construção, porque tu ser negro é diferente de ter a negritude, no meu ver, é uma coisa que tu vai construindo, se tu vai tendo referências, né? E o sopapo realmente é importante.” (Kyzzy Barcelos)

“E eu pensava, enquanto estudante, essa questão da negritude é uma questão de vida e de morte, porque era muito tenso. E eu acho que eu sentia o efeito dessa coisa do racismo, mas eu não tinha o entendimento que eu tenho hoje, então parece que faltava palavras, acho que tinha que viver as coisas para poder compreender” (Silvia Prado²⁹)

Contudo, essa tomada de consciência é um processo doloroso, pois escancara aos sujeitos negros que as referências historicamente apresentadas para ele foram/são insinceras, e exigem deste sujeito a construção de uma nova história para si mesmo, impondo-lhe que se reinvente.

“Negritude é um processo que acontece pra cada pessoa negra de uma forma diferente e num momento diferente. [...] É uma coisa bem difícil de lidar, essa coisa de tu ter essa consciência da negritude, é uma coisa difícil mesmo, porque tu sofre.” (Kyzzy Barcelos)

Nesse processo, a coletividade negra é essencial para que sujeito possa encontrar essas referências, (des)construí-la com os seus, e montar sua própria cartografia subjetiva.

“Assim, imagina, quando tu tá no sarau, tu traz diferentes autores, olha o mundo que se abre? Assim como tu vai ouvir um poema do Oliveira, tu pode ouvir um poema do Cuti, tu pode ouvir um poema da Cristiane Sobral, tu pode ouvir um Solano, que é lá de Pernambuco, A Cristiane é de Brasília, o Cuti é de São Paulo, a Conceição é mineira. Então, tu tá abrindo pra ti, um leque desse país imenso, com tantas pessoas negras fazendo coisas, é só tu ir atrás daquilo. Provavelmente, sem o Sopapo, tu demoraria muito tempo, pra acessar. Então isso é outra coisa fantástica!” (Vera Lopes)

ALDEIA: Lugar de Acolhimento

No início de cada sarau, a saudação aos orixás é sagrada. Começa-se sempre saudando Bará, que com suas chaves, abre os caminhos.

“O tambor também dá um ritmo importante.” (Maria Cristina Santos)

²⁹ Mulher negra, psicóloga, servidora atuando com saúde da família. Participou do Instituto Solando Trindade, da Universidade Livre e integra a Associação Negra de Cultura.

“...A religiosidade...” (Evandoir Carvalho dos Santos³⁰)

“...É, dá. O Sopapo vem desse tambor. E aí tem umas coisas também espirituais, ou alguma coisa de energia ali, não importa o nome que tu dê, tem pessoas que coordenam ali que tem o mesmo orixá também, e talvez essas coisas façam com que a gente tenha assim, muita afinidade, um com o outro, e embora tenha pessoas de várias religiões [católicas, espíritas, metodista, umbandas, nação, candomblé...] mas as pessoas perceberam da importância da ancestralidade e da religião de matriz africana que foi o que nos mantiveram centrados e mentalmente sãos. Eu acredito que isso foi fundamental, a nossa ancestralidade, pra gente chegar até aqui.³¹ E as pessoas do grupo [do sarau]entendem a importância da religião de matriz africana, então a gente sempre saúda os ancestrais e tem uma coisa que é do Bará, embora... Pra mim aquele grupo é um grupo de Xangô, porque o tambor em si é um instrumento de Xangô, e não é à toa, porque é o Sopapo Poético [referindo-se ao tambor que dá nome ao sarau], porque é ele [tambor] que dá o ritmo. (Maria Cristina Santos)

Apesar de não ser um espaço religioso, a ancestralidade³² e a espiritualidade de matriz africana permeiam todo o sarau, de forma ritualística. Abaixo uma compreensão de ancestralidade que pode nos auxiliar a compreender o significado atribuído pelos entrevistados:

A ancestralidade, inicialmente, é o princípio que organiza o candomblé e arregimenta todos os princípios e valores caros ao povo-de-santo na dinâmica civilizatória africana. [...] o principal elemento da cosmovisão africana no Brasil. Ela já não se refere às linhagens de africanos e seus descendentes; a ancestralidade é um princípio regulador das práticas e representações do povo-de-santo. [...] Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. (OLIVEIRA, ano não informado, p.3 – 4).

Para os praticantes ou não-praticantes das religiões de matriz africana, cada vez mais faz-se essencial iniciar o sarau saudando aos ancestrais. Embora tenha havido resistência inicialmente, já se tornou tradição, de forma que a ancestralidade está presente em todos os poros do Sarau Sopapo Poético.

“E agora, hoje, eles pedem. ‘não vai ter a abertura? Pra dar tudo certo! (risos).’” (Maria Cristina Santos e Evandoir Carvalho dos Santos)

Talvez a ancestralidade presente nesse território seja o elemento, esse fio de prata, que torna o sarau tão acolhedor, como ele é percebido por variados daqueles que o frequentam.

“O Sopapo é algo que tá na minha agenda todo mês, é meu espaço de terapia coletiva, muito potente, em diversas formas e situações. ” (Andressa Moraes).

³⁰ Homem negro, contador, integra a ANdC, contribuindo na coordenação dos projetos Sopapo Poético, Canela Preta e Informativo Negraldeia.

³¹ Maria Cristina faz uma reflexão importante a respeito do papel da espiritualidade africana na manutenção do senso de humanidade dos africanos escravizados no Brasil. Embora eu faça aqui uma leitura rasa, visto não ser o propósito deste trabalho, destaco leituras nessa perspectiva Wade Nobles, criador da Psicologia Negra. “Os africanos que foram vendidos, raptados e/ou roubados tinham de dar sentido ou significado à realidade de novos lugar, condição e povo. Apesar do descarrilhamento, o único “mapa mental” de que dispunham para navegar e dar sentido à nova condição de servidão e barbarismo era o mapa mental de ser africanos. [...] Essa essência ou força espiritual tornava alguém humano e proporcionava a cada pessoa uma relação duradoura com o universo total perceptível e ponderável. O mapa mental de ser africano serviu de filtro cultural da resistência à escravidão e ao colonialismo”. (NOBLES, 2009 p. 284 apud NASCIMENTO, 2009)

³² Para maiores reflexões a respeito da ancestralidade ver, nas referências bibliográficas: OLIVEIRA, Eduardo David de, 2006 e OLIVEIRA, Eduardo David, 2011.

“E eu disse, é aqui o meu local. É aqui que eu quero ficar. E as pessoas me receberam muito bem. O grupo é uma família. Eu posso dizer que o sarau me proporcionou conviver com pessoas maravilhosas [...] Então são coisas que vão se criando porque a gente tem essa ancestralidade, a gente tem um fio que nos une que é muito forte [...] porque a gente conhece as nossas lutas, as nossas causas, e a gente se olha e se compreende. [...] E hoje em dia é uma casa, é uma casa de amigos, que me faz muito bem, todas as vezes que tem, a gente sabe que vai ter uma vez por mês. Quando a gente vê [...] aquela foto final, aquelas caras pretas, tudo assim, irradiando alegria, tá valendo a pena!” (Lilian Rocha³³).

Segundo as entrevistas, o SSP possui algo de terreiro, de aldeia, comentário comum durante os eventos. Opera aí, novamente, a uma espinha ancestral que exige a necessidade de acolher às variadas faixas etárias, tanto dos convidados (como percebemos nas edições de março e abril de 2018), quanto dos frequentadores, incluindo as crianças com o Sopapinho. A ancestralidade, segundo Oliveira:

Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. [...] Retroalimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. (OLIVEIRA, ano não informado, p.3 – 4).

“Eu sou um poeta que sou formado pelo Sopapo. Por mais que a minha formação de poesia seja poeta de gaveta por muitos anos, depois eu resolvi sair pro mundo através do Sopapo. Então o Sopapo tem uma importância mesmo, formadora. E uma coisa que agrega todas as coisas, todas as idades. O Sopapinho desde os pequenos, até os mais velhos ... então é isso que é difícil. Porque as vezes tem um rolê que é só a juventude, outro que é mais os adultos numa faixa, e não cola outros. O nosso não, o nosso agrega mesmo, então demonstra uma estrutura mesmo de aldeia, uma coisa de africanidade, então acho que é isso, o Sopapo é vanguarda no Rio Grande do Sul por causa disso.” (Duan Kissonde).

“Esse encontro geracional é de uma africanidade, que me remete muito a minha infância, muito a essa vivência, de quem foi criado numa comunidade com uma família negra, com todos esses elementos.” (Andressa Moraes³⁴).

No Sarau Sopapo Poético encontram-se pessoas negras de faixas etárias variadas, crianças, adultos, mais velhos, famílias negras, destacando-se um importante lugar às mulheres negras. As mulheres negras, com toda sua potência matriarcal, são a maioria das frequentadoras, tocadoras de tambor, sambistas, poetisas, empreendedoras. Um regime do tipo matriarcal apresenta “estruturas sociais e políticas concêntricas com um forte teor feminino no que diz respeito ao modo de interação entre os grupos, os indivíduos e entre as instâncias sociais” (MOORE, 2007, p.149). Neste regime, as mulheres negras são compreendidas, na sua

³³ Mulher negra, farmacêutica, integrante do SSP, organizadora do livro Pretessência e autora dos livros Negra Soul (2016) e A vida Pulsa (2013). Facilitadora de Biodanza.

³⁴ Graduanda em psicologia, participante ativa do Movimento Balanta – Nenhum Cotista a Menos. Atua com saúde da população negra.

individualidade, “como um ser humano protagonista, e no plano coletivo, como o esteio social das coletividades humanas.” (BONFIM, 2009, p.247). Quando algumas delas estão ausentes, toda a coletividade percebe e sente sua falta na construção do encontro.

Outro fator importante, as pessoas que frequentam o sarau, em sua maioria: tiveram acesso a discussões político-conceituais a respeito do racismo, integram os Movimentos Negros, tiveram/estão tendo acesso ao ensino superior, possuem um certo poder aquisitivo.

No SSP, vê-se: profissionais de variadas áreas, diversas posturas políticas frente à luta contra o racismo, diversas religiões, pessoas que comunicam pela música, pela poesia, pela fotografia, pelas artes diversas.

Contudo, é importante levarmos em consideração que todos os espaços são construídos por narrativas que aproximam ou afastam uns e outros, e isso é natural. Poucos negros de territórios periféricos chegam ao sarau, assim como pobres, de religiões cristãs, pessoas que não tenham construído uma relação prévia com as militâncias negras e com a poesia negra/arte negra. Da mesma forma, a diversidade sexual é pouco percebida nos frequentadores do mesmo. Isso desqualifica o que está sendo feito pelo Sarau? De forma nenhuma. Apenas visibiliza que o espaço tem sentido e é sustentado por determinadas negritudes, com um fio que as liga. Não é que as pessoas negras atravessadas por diferenças sejam discriminadas no sarau, mas que negritudes diferentemente marcadas não estão evidentes ou não ganharam voz suficiente. O que evidencia que, embora a “raça primeiro” tenha construído toda essa análise, outros marcadores atravessam os sujeitos e produzem subjetividades, como a classe social e a diversidade sexual.

Na roda de conversa, uma das demandas apontadas pelos entrevistados foi, justamente, alcançar mais pessoas através da itinerância eventual, ou seja, com a realização de um ou dois saraus anuais descentralizados. Para eles, a manutenção do SSP passaria também por proporcionar que pessoas diversas tivessem acesso à toda potência do sarau.

9. Sarau Sopapo Poético: Transbordamentos

A subjetividade negra produzida dentro do Sarau Sopapo Poético transborda os limites deste encontro. Para além de cada última terça-feira do mês, desterritorializações subjetivas produzidas nesse território de existência afetam os sujeitos e seguem reverberando fora do sarau.

Primeiramente, o Sopapo Poético propicia aos artistas que o frequentam importantes conexões de produção artísticas. O livro *Sopapo Poético: Pretessência* (ROCHA et al, 2016) é uma das principais materialidades disso. A obra foi escrita a várias mãos pelos poetas e músicos do SSP, tendo em sua produção discussões “*totalmente militante, trazendo a questão racial na sua escrita*” (Vera Lopes), lembrando as rodas de poesia de Oliveira Silveira. Além disso, os artistas que frequentam o espaço têm a possibilidade de serem conhecidos por uma comunidade negra, divulgando seu trabalho. Pâmela Amaro refere isso em entrevista, do poder que possui aquele que está com o microfone, por portar o direito de falar, mas também porque se torna conhecido em sua comunidade. Mas não só em sua comunidade, como nos mostra o convite que ela e Duan Kissonde receberam dos Saraus Elo da Corrente e Sarau no Kintal, ambos em São Paulo. Seus trabalhos no SSP auxiliaram-nos a se colocarem na cena gaúcha e brasileira. Além disso, conforme relatos da roda de conversa, mais trabalhos vêm por aí, em músicas gravadas, no resgate de obras literárias de Oliveira Silveira, entre outros. O SSP se apresenta como um marco para a literatura negra da cidade, pois criou as condições para a publicação de um livro que, individualmente, seria mais complicado de ser realizado, visto as problemáticas editoriais rotineiras no que diz respeito aos escritores negros. Para além da literatura, o SSP é referenciado como um ponto de encontro dos artistas negros, local que amplia a potência criadora dos artistas (que referem compor e escrever mais após participarem do sarau), assim como reúne pessoas com interesses comuns, dando origem a organizações como o Congá de Samba, grupo que tem se reunido para produzir sambas autorais.

O Sarau Sopapo Poético, além do já exposto, é um espaço de encontro de variados profissionais negros. A Feira Afro é uma tentativa de manter os recursos financeiros das pessoas negras dentro da comunidade negra. Em sua maioria, os produtos vendidos giram em torno da estética, brincos, roupas, encontrando demanda na lacuna no mercado, que não produz acessórios atrativos a muitas pessoas negras. (BARBOSA, 2009; SANTOS, 2017; SILVA, 2017). Para além disso, uma outra questão se coloca: o SSP é um espaço de encontros, um espaço com muitas pessoas negras com ensino superior, algo raro. Quando cheguei ao SSP encontrei, de uma só vez, três psicólogas negras que passaram a ser referências importantíssimas em minha formação, auxiliando minha inserção no campo da psicologia. Esse fato não se resume a uma experiência minha, mas se repete para cada estudante universitário que se reconhece em um profissional negro naquele local.

“Outra coisa importante do sarau, a convivência com pessoas de diferentes áreas, né? Então além das pessoas que são dedicadas a escrita, à música, tu vai ter as pessoas que cozinham, que costuram, tu vai ter quem faz cinema, tu vai ter os vídeos, então eu acho que o sarau congrega uma série de atividades, trabalhos, que é muito

bacana, que é também esse espaço de troca, esse espaço da gente se ver, esse espaço da convivência, o espaço de tentar fazer minimamente, que o nosso dinheiro circule na nossa mão, então são essas experiências que são possíveis de serem realizadas em outros espaços, que me encantam do sarau, são coisas do sarau que realmente me encantam” (Vera Lopes)

O Sopapinho³⁵ é o espaço do sarau pensado para as crianças. Quando o Sopapo Poético começa, as crianças se dirigem a ele, com uma programação paralela, envolvendo histórias, desenhos, danças e cantorias, lanches, entre outros. Ao longo do evento, Sopapo e Sopapinho se reencontram. Os/as “sopapeirinhos/as” ocupam o centro da roda, com uma apresentação construída por eles, envolvendo músicas, *raps*, poemas. Há um grande efeito na subjetividade das crianças negras que participam do Sopapinho. Seria necessário um outro estudo para compreender os efeitos para as crianças negras de frequentar este espaço de afirmação. A., de 9 anos, frequenta o Sopapinho levada pela avó ou pela mãe, mulheres negras. Elas participam da maioria das edições do SSP. A mãe de A. nos conta:

“Ela tava no jardim, tinha 4 ou 5 anos. A colega [branca] dizia que não era pra A. tocar nela, porque ela era preta. Que não podia brincar naquela roda ou junto com ela, porque era preta. Eu perguntei [para a A.] se ela queria que eu falasse com a profe, se tava incomodando, porque a A. meio que me poupa das coisas, porque sabe que tiro satisfação. Eu ia falar com a mãe da guria direto. Ela é bolsista em sua escola, já tinha uma realidade social bem diferente dos colegas e ainda era a única negra, eu vivia tensa! A guria vivia implicando, excluindo a A. Foi um ano bem triste, porque ela foi mal no colégio e reclamava demais das relações com as colegas. A professora disse que ia falar com a menina, chamar a mãe dela. Mas acho que antes disso, a guria contou pra mãe dela, porque no mesmo dia, eu tava chegando em casa, e a mulher ligou, dizendo que ia pôr a guria de castigo. Que não admitia. Que era um absurdo. E que não sabia da onde ela tinha tirado tal assunto. Levou um porta-jóias de presente pra A. no outro dia. Uma cartinha um desenho. Mil desculpas. Só que a A. nunca mais esqueceu isso. E foi aí que começamos a levar ela no Sopapo. Ela ama ir pro Sopapinho. Se eu não levo, ela liga pra avó levar ela, porque diz que lá as crianças são iguais a ela. Já me repetiu isso, até chorando, que queria estar nesses espaços, porque se sente mais à vontade.” (Fernanda Vieira³⁶).

Essa vinheta nos demonstra os efeitos que um espaço coletivo negro pode produzir na subjetividade de uma criança negra. As pessoas negras recebem referências negativas sobre si constantemente, nas mídias, na escola, nos livros, etc. Para uma criança negra, são essas referências estereotipadas que auxiliarão na construção de uma subjetividade própria. (SILVA, 2016). A negritude, enquanto traço de uma subjetividade negra, é construída e precisa ser fortalecida constantemente. Por mais que o sujeito nasça informado de alguns elementos dessa negritude, ele necessitará de novos conteúdos para fortalecê-la. O Sopapinho, nesse sentido,

³⁵ Nas primeiras edições, em 2012, as crianças presentes corriam de um lado para o outro, pelo meio da roda de poesia. Levar as crianças era necessário, porque a maioria dos frequentadores não teria com quem deixar seus filhos à noite. Sobretudo, era essencial para as crianças habitar esse território existencial. O Sopapinho, então, nasce já nas primeiras edições, como um espaço especial para as crianças.

³⁶ Mãe de A.

compõe um espaço de existência que informa e fortalece a negritude das crianças, ao lhes oferecer recursos psíquicos, históricos e políticos para enfrentar o racismo da sociedade brasileira. A negritude é responsável por auxiliar na luta pela modificação das situações de opressão racial vivenciadas. (OLIVEIRA, 1974 apud CARONE, 2002). A negritude enriquece e solidifica o repertório que as crianças negras estão construindo sobre si mesmas. Por esse motivo, o Sopapinho é um espaço que promove saúde mental para as crianças negras.

A arte é também uma rica ferramenta para construção de conhecimento. O que pode-se dizer, então, sobre a negritude e os efeitos que ela é capaz de provocar nos alunos negros de uma escola? Naiara Lacerda, na roda de conversa, nos conta dos efeitos do sarau realizado em 12 de abril de 2016 na escola³⁷ em que leciona, com Duan Kissonde como convidado:

“Eu fiz o convite pro Sopapo fazer um evento na minha escola, a minha escola estadual, de ensino médio e técnico em Esteio, e o Duan foi o homenageado. Gente, vocês não imaginam o quanto a participação do sarau, ninguém sabia o que era, ‘eu vou trazer um pessoal amigo meu, pra fazer um evento cultural, aqui na sala de vídeo’. Genteee, deu aluno brigando porque que não podiam entrar lá, porque lotou, foi muito lindo, foi um momento assim ... eu mesma fiquei encantada de ver a participação dos alunos, dos professores. Mas o que foi o dia seguinte, e a semana, e o mês, e o ano todo, porque daí eles quiseram continuar. [...] A revelação de escritores ali, que tavam no anonimato, e músicos, aí vem outras questões na área da psicologia mesmo, o que aquilo ali causou, uma explosão de sentimentos, de liberdade, só fazendo aí uma análise... mas enfim, foi muito positivo. No dia seguinte fui encostada na parede pelas outras turmas que não puderam participar e os outros turnos. Tive que organizar com outra professora negra um Sarau no turno da manhã e para minha surpresa os alunos já sabiam o que tinha acontecido e vieram super preparados para ler, tocar, cantar. No mês seguinte me pediram outro Sarau e agora novos talentos se revelaram. Alunos que escreviam secretamente, alunos que tocavam, compunham, alunos e alunas assumindo sua opção sexual através da escrita e aceitos pelos colegas. Alunos curiosos para saber, conhecer a história do negro fora dos livros didáticos. Em novembro uma professora encabeçou um projeto fotografando todos os alunos, funcionários e professores que se declaravam negros, formando um lindo painel e uma aluna disse que pela primeira vez ia se assumir negra porque teve orgulho de ver o trabalho do Sopapo. Outro projeto foi a homenagem a Lilian Rocha e Pâmela Amaro. Emocionante! Os alunos montaram um grupo para tocar e cantar samba canção. Cantaram uma música da Pâmela que foi show. É isso! Como um grupo pode influenciar outro positivamente. [...] Eu acho que o sarau deveria circular, sabe? Deveria ser itinerante, nem que seja assim, duas vezes no ano, ir pra uma escola...” (Naiara Lacerda³⁸).

Um quarto, e importante, efeito do Sarau Sopapo Poético, segundo os sujeitos que o frequentam, será relatado abaixo:

“A possibilidade das pessoas quererem escrever, eu me lembro que a prima [de nome Neuza] de uma fotógrafa que vinha no Sopapo [Irene Santos], não escrevia, não lia. E ela começou a frequentar os primeiros saraus com a prima. Aí um dia ela disse assim ‘eu quero aprender a ler e escrever, porque eu quero fazer um poema pra vir falar aqui’. E ela foi estudar, e ela escreveu um poema e ela foi lá [na roda do

³⁷ Escola Técnica Estadual Bernardo Vieira de Mello, em Esteio/RS.

³⁸ Filha de Oliveira Silveira. Professora, pedagoga, supervisora na EMEF Bilíngue para Surdos Vitória (Canoas/RS). Integrante da Associação Negra de Cultura.

Sopapo] ler o poema que ela escreveu. Então isso, pra mim, é algo fantástico, tu despertar isso numa pessoa já com uma idade avançada e com uma série de limitações que ela tinha, enfim. E outras pessoas que também começaram a escrever a partir daquele lugar, a partir de estar lá” (Vera Lopes).

O Sarau Sopapo Poético gera encontros, que produzem uma linguagem negra de resistência. Os processos de produção de subjetividade oriundos do SSP são múltiplos e se renovam, ora auxiliam na elaboração de situações vividas, construindo vias para que as pessoas negras externalizem seus afetos, ora favorecem que os sujeitos negros problematizem referências estereotipadas, construindo formas de defesa a essas violências. Ora tecem redes de encontros profissionais, ora reúnem pessoas que constroem famílias negras, que dividem o peso de “carregar o bastão³⁹”. Ora fazem emergir novos talentos negros. Ora produzem movimentos ainda não cartografados, que merecem a continuidade do mergulho nesse território de existência. Nem para nós, povo negro, nem para Guattari e Rolnik (2011) é utópico considerar que uma mudança real “uma revolução, uma mudança social em nível macropolítico e macrossocial, concerne também a produção da subjetividade, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação”. (2011, p.34).

10. Últimos passos: pelas encruzilhadas do Sarau Sopapo Poético

No percurso pelas encruzilhadas do Sarau Sopapo Poético, inicialmente, a poesia negra ocupava o centro desta geografia. Lentamente, novas pistas foram inscritas, a partir de plurais vozes e olhares. Da poesia negra surgiu a arte que, por fios de prata, conectou à música, ao território do Centro de Referência do Negro Nilo Feijó, à ancestralidade – com suas características de terreiro e aldeia. Todas essas pistas circunscritas pela negritude.

O mergulho cartográfico no Ponto Negro da Poesia evidenciou processos de produção de subjetividade, com enfoque em potência e vida para os sujeitos negros. Mais que isso, realçou a construção de um território de existência para a negritude na cidade de Porto Alegre, a cada encontro do sarau, com grande agência dos sujeitos negros sobre o território – mais agência sobre o território existencial do que sobre o geográfico, visto as disputas históricas e recorrentes com a Prefeitura da cidade pelo CRN.

Sobretudo, esta pesquisa demonstrou que o território de existência construído pelo SSP segue reverberando nos sujeitos negros, ou seja, o território não está restrito aos encontros, mas transborda seus limites. Transborda quando oferece recursos de construção de subjetividade, de

³⁹ Referência à constante luta travada pelos sujeitos negros numa sociedade racista, significa ter mais um aliado para dar seguimento à luta.

defesa contra o racismo, de resgate histórico, quando tece redes, quando o afeto entre as pessoas negras se torna possível num espaço que é de luta e resistência, mas também de alegria e potência. Extravasa, principalmente, ao ser habitada por diferentes negritudes, mesmo que as diferenças não estejam tão visíveis ou ecoem com mesmo compasso, elas estão presentes no território e produzem superfícies no mesmo.

“[...] Não! Não é só – papo
Estes cidadãos a trazerem seus apetrechos
com seus turbantes e adereços
Faz sim - do “Sopapo Poético” – um papo verdadeiro e eclético
De senhores que discursam a liberdade
Num toque do sopapo, do pandeiro e atabaques
Com a marca de uma nação a fincar raízes africanizadas
De matizes cromáticos e estéticos, na leitura mais bela e completa
Da poética de nossos “pretos poetas”!”
(Não é só – papo – GONÇALVES, 2016)

11. Referências

ASANTE, Molefi K. *A afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 93 – 110.

BARBOSA, Adriana. **Feira Preta – por uma outra economia: “economia criativa”**. Trabalho de Conclusão. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação – CELACC da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. 2009. 22p. Disponível em: < <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/142-483-1-PB.pdf> >. Acesso em 11 jun. 2018.

BARCELLOS, Jessyca da R. S. **Formação em psicologia e a educação das relações raciais**: um estudo sobre os currículos de graduação em psicologia em Porto Alegre e Região Metropolitana. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 36p. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/148270> > . Acesso em 13. jun. 2018.

BATISTA, Alisson F. **Trajetos e percursos**: das (im)possibilidades de enfrentamento do racismo dentro da academia. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 38p. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/157424> >. Acesso em 13 jun. 2018.

BONFIM, Vânia M. da S. *A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas*. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 219 – 249.

CARONE, Iray. *A flama surda de um olhar*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia social do racismo**: estudo sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 181 – 187.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudo sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAMPOS, Deivison M. C. **O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006. 196p. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10923/3984>>. Acesso em 03 jun. 2018.

CESAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. 1939. Disponível em: < <https://escamandro.wordpress.com/2014/02/11/o-diario-de-um-retorno-ao-pais-natal-de-aime-cesaire-por-leo-goncalves/>>. Acesso em 16 fev. 2018.

CESAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (Orgs.). **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Relações Raciais: Referências Técnicas para a atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. (2004). *Conversações*. Lisboa: **Relógio d'água** (Originalmente publicado em 1977). Disponível em: < https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_parnet-c-dic3a1logos.pdf >. Acesso em 18 jan. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**. Tradução Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001. Disponível em: < <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g-empirismo-e-subjetividade.pdf> >. Acesso em 18 jan. 2018.

DOMINGUES, Petrônio J. *Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica*. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, 24-25-26: 193-210, 2002/2003/2004/2005. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74041/77683> >. Acesso em 14 jan. 2018.

FONTOURA, Pâmela A. **A palavra poética enquanto voz viva: efeitos de um encontro intercultural entre estudantes da escola pública básica e a poesia de Oliveira Silveira.** Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Nov. 2012. 41 p.

FONTOURA, Pâmela A.; SALOM, Julio S.; TETTAMANZY, Ana Lúcia. **Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil.** Rev estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 49. p. 153-181, set./dez. 2016.

FONTOURA, Pamela. A. In: SILVA, José Francisco S. S. Da. **Curta-Documentário Sopapo Poético: Ponto Negro da Poesia.** 2017. (ca. 16 min 1 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?V=drnhumzhjv8>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

GONÇALVES, Delma. *Não é só – papo.* In: ROCHA, Lilian R. M. et al. **Sopapo Poético: Pretessência.** Porto Alegre: Libretos, 2016. p. 24 – 25.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, [1986] 2011.

INSTITUTO AMMA PSIQUE NEGRITUDE. **Psique e negritude: os efeitos psicossociais do racismo.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.ammapsique.org.br/baixar/Os-efeitos-psicossociais-do-racismo.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Rio Grande do Sul: Porto Alegre – Estimativa da População 2017,** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?Codmun=431490&idtema=130>>. Acesso em 05 dez. 2017.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** 2ª ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MOORE, Carlos. *A negritude segundo Aimé Césaire*. In: CESAIRE, Aimé; MOORE, Carlos. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NOBLES, Wade W. *Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado*. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). P. 277 – 298.

NOBLES, Wade W. **Shattered Consciousness, Fractured Identity: Black Psychology and the Restoration of the African Psyche**. *Journal of black psychology*, 39 (3), 232 – 242, 2013. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0095798413478075?Journalcode=jbpa>. Acesso em 25 jan. 2018.

NOGUERA, Renato. *Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas*. In: CASTANHERA, Maurício (Org.). **Erva Cidreira: Textos sobre produção do conhecimento, produção de material didático e outros ensaios**. Coleção Chás para a filosofia. Publit Soluções Editoriais: Rio de Janeiro – RJ. 348p. P. 284 – 304. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/ppfen/pdf/2_Erva_Cidreira_colecaochasparaafilosofia.pdf >. Acesso em 03 jun. 2018.

OLIVEIRA, Gleiciele da S. **Vozes Negras da Bahia: um sarau bem black**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2012. 124p.

OLIVEIRA, Eduardo D. de. **Epistemologia da Ancestralidade**. Filosofia africana weebly. Ano não informado. Disponível em : < https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf >. Acesso em 10 jun. 2018. p. 1 a 10.

OLIVEIRA, Eduardo D. de. **Africanidades na educação**. *Rev. Educação em debate*, ano 25, vol 2, n. 46, 2003. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15179/3/2003_art_edoliveira.pdf >. Acesso em: 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, Eduardo de O. e. *Relatórios de pesquisa à Fapesp, 1974 [mimeo]*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudo sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Fátima O. **Agora é real, Centro de Referência do Negro Nilo Feijó**. Liga independente das Escolas de Samba de Porto Alegre –LIESPA. Porto Alegre, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.liespaoa.com.br/agora-e-real-centro-de-referencia-do-negro-nilo-feijo/>>. Acesso em 04 jun. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Henrique S. de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte - MG, 2007. 187p.

OLIVEIRA JÚNIOR, Otacilio. **Entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno de um sarau de periferia**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016. 263 p. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/pospsicologia/attachments/article/279/Entre_a_luta_a_voz_e_a_palavra_partilhas.pdf>. Acesso em 09 de fev. 2018.

ROCHA, Cristal. [Vídeo]. **05 Slam Cristal Rocha**. EP: Deus que Dança – Negra Jaque. (2min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b0l5wk_OhYc>. Acesso em 12 jun. 2018.

ROCHA, Cristal. [Vídeo] **Slammer, Cristal Rocha, se apresenta no palco do Compartilhe RS**. Porto Alegre, 27 mai. 2018. (4min 50 s). Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos/t/todos-os-videos/v/slammer-cristal-rocha-se-apresenta-no-palco-do-compartilhe-rs/6763498/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

ROCHA, Lilian R.M. et al. **Sopapo Poético: Pretessência**. Porto Alegre: Libretos, 2016.

ROCHA, Lilian R. M. **Negra Soul**. Porto Alegre: Alternativa, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Donizeth A. dos. **Ressonância dos movimentos culturais negros na poesia de Oliveira Silveira. Vinte Cultura e Sociedade**. Out, 9, 2013. Disponível em: < <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero44/osilveira.html> >. Acesso em: 12 jun. 2018.

SANTOS, Edy L. S. **Relações raciais e empreendedorismo: um estudo sobre negros empreendedores na região metropolitana no Rio de Janeiro**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO, 2017. 168p. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8527/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Edy%20Lawson%20Silva%20Santos%20-%202017.pdf> >. Acesso em: 11 jun. 2018.

SANTOS, Elisabete F. dos. **Das margens, escritos negros: relações entre literatura periféricas e identidade negra**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - SP, Março, 2015. 247p. Disponível em: < http://www.ppppsi.ufscar.br/pdf/Teseefs_223315.pdf >. Acesso em: 09 de fev. 2018.

SILVA, Caroline D. da. **Racismo e a produção de estereótipos: impactos na subjetividade da criança negra no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. 2016. 35p. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/157613> >. Acesso em: 11 jun. 2018.

SCHUCMAN, Lia V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. 2012. 27p. Versão Resumida.

SILVA, Jéssica Cristina F. da. **Empreendedorismo e identidade afrodescendente: o caso da REAFRO**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. 2017. 65p. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169902/001051344.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 11 jun. 2018.

SILVA, Luiz (Cuti). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SILVEIRA, Oliveira. **Poemas**: antologias. Porto Alegre: Edição dos Vinte, 2009.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOPAPO POÉTICO. **Sopapo Poético, 24.04.18**. Porto Alegre, 30 abr. 2018. Disponível em: < <https://www.facebook.com/SopapoPoetico/videos/1678598252248053/> >. Acesso em 12 jun. 2018.

SOPAPO POÉTICO. **Sopapo Poético: Edição de Maio/2015**. Disponível em: < <http://sopapopoetico.blogspot.com.br/search?Updated-max=2015-05-19T23:55:00-03:00&max-results=4&start=15&by-date=false> >. Acesso em: 01 de dez. 2017.

SOPAPO POÉTICO, ASSOCIAÇÃO NEGRA DE CULTURA. **Manifesto pela Manutenção do Espaço Cultural Centro de Referência do Negro Nilo Feijó**. Sopapo Poético. Facebook. Porto Alegre, jun. 2018. Disponível em: < <https://www.facebook.com/pg/sopapopoetico/posts/> >. Acesso em: 04 jun. 2018.

SOPAPO POÉTICO. **Sopapo Poético – edição de março/2018**. Sopapo Poético. Facebook. Porto Alegre, 27 mar. 2018. Disponível em: < <https://www.facebook.com/events/343319889511841/> >. Acesso em: 04 jun. 2018.

VIEIRA, Daniele M. **TERRITÓRIOS NEGROS EM PORTO ALEGRE/RS (1800 – 1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS. 2017. 190p. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/177570> >. Acesso em 03 jun. 2018.

12. Anexos

ANEXO 1

MANIFESTO PELA MANUTENÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL CRN NILO FEIJÓ

À comunidade negra de Porto Alegre. As entidades proponentes e o conselho gestor, reunidos nesta data por ocasião do evento literário e musical Sopapo Poético- Ponto Negro da Poesia e a Associação Negra de Cultura (ANdC) juntamente com seus idealizadores, apoiadores, artistas colaboradores e frequentadores, vêm DENUNCIAR e REPUDIAR com veemência o ataque da Prefeitura Municipal à cultura negra em nossa cidade, que visa descaracterizar as funções específicas do espaço cultural Centro de Referência do Negro NILO FEIJÓ (CRN). Espaço cultural este que, inaugurado como sendo pioneiro no país e desenvolvido com foco na promoção da igualdade racial, está ameaçado de ser reduzido a um depósito ou abrigo municipal, como parte dos equipamentos públicos de assistência. O governo municipal, através de sua nova estrutura administrativa, vinculou o CRN à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte- SMDSE, a qual decidiu na semana passada colocar o centro à disposição da Campanha do Agasalho 2018 para estocar e fazer a triagem de doações. Consideramos que tal manobra é um desvio da finalidade e da própria demanda que instituiu o CRN como espaço destinado à promoção da cultura e preservação da memória coletiva da comunidade negra em Porto Alegre. É um desrespeito às ações afirmativas na execução de políticas públicas garantidoras dos direitos do povo negro. Principalmente, aquelas que contemplam demandas de valorização e visibilidade da cultura negra nas áreas de teatro, música, literatura, fotografia, vídeo, memória histórica, acervos de bens culturais, museus, manifestações populares contemporâneas, etc. Estas reivindicações há muito são desejadas pela comunidade negra. Vale ressaltar que o Sarau Sopapo Poético, o ponto negro da poesia, serviu de estímulo a estas propostas, pelo caráter de liderança e abrangência da causa da afirmação do protagonismo da nossa negritude, na literatura do RS. O Sarau Sopapo Poético, desde 2012, com o apoio da ANDdC e também outros grupos e eventos da cultura negra porto-alegrense se engajaram nesta seara cultural, tais como Encontro das Pretas, Feira Black, Sarau Afro Gueto, Orgulho Crespo, Fórum de Mulheres Negras, Comga de Samba entre outros. Essas atividades vêm ocupando o espaço com finalidade cultural, dando suporte à manutenção artística da cultura local, trazendo um grande público ao Centro de Referência em permanente diálogo com a comunidade negra de toda a cidade. Mas, neste ano em que o CRN completa dois anos de inauguração, com atividades específicas da área proposta realizadas sem recursos públicos, após longa omissão quanto ao cumprimento do projeto de instalação e organização por parte dos órgãos municipais responsáveis, a Prefeitura apresenta a ingrata surpresa deste ato de apropriação indevida do espaço para um fim diverso. Decisão autoritária e de cunho assistencialista tomada sem contar com a opinião do Comitê Gestor do Centro, e desautorizado pelo Conselho Municipal Negro, sobre a destinação dada ao local. A decisão da secretaria social de ocupar parte do prédio do CRN Nilo Feijó para a “Campanha do Agasalho do RS” com o objetivo de tirar aquele espaço do controle pela

comunidade negra e da finalidade de promoção da história e cultura afro-brasileira, negra e africana no âmbito local representa inaceitável falta de consideração com todos os militantes do povo negro, o qual já vem de um histórico de desapropriação e perda de seus espaços representativos como os quilombos no meio rural e os clubes sociais negros remanescentes, escolas de samba, quilombos, favelas, territórios e quilombos do meio urbano. É desnecessário dizer que não somos contra esta ação social de arrecadação de agasalhos para pessoas carentes no rigoroso inverno que temos em nossa cidade. Porém, o afirmamos para afastar o maniqueísmo por parte de qualquer um que queira nos fazer essa afirmação leviana e piegas. Repudiamos veementemente este abuso das prerrogativas de destinação, pela falta de ética, abuso do poder e tentativa de subalternização das lideranças que atualmente estão à frente do processo do conselho gestor da ocupação cultural verdadeira do espaço de nosso protagonismo. Diante dos fatos aqui tornados públicos, pedimos o apoio de todos os segmentos da comunidade negra de Porto Alegre, do RS e do BR, bem como todos os lutadores negros e não-negros pela igualdade e respeito aos Direitos Humanos, a se engajarem nessa corrente de solidariedade junto ao CRN, em favor da resistência cultural negra, afro brasileiro e diáspora que ali se faz para a realização de Audiência Pública, com a participação do Ministério Público, a fim voltar à plena manutenção deste espaço cultural que tanto nos orgulha e fomenta o empreendedorismo artístico regional do povo negro.. Este manifesto visa uma solução em caráter de urgência para acabar com esse desvio de finalidade que viola direitos adquiridos e dialogar com a Prefeitura para que efetive a política de implantação do Centro de Referência do Povo Negro em Porto Alegre.

Sopapo Poético, o Ponto Negro Da Poesia e ANdC - Associação Negra de Cultura! Maio, 2018, Porto Alegre- RS.

Texto disponibilizado na página do facebook do Sarau Sopapo Poético.

ANEXO 2**VITÓRIA DA COMUNIDADE NEGRA DE PORTO ALEGRE**

Hoje, pela manhã, foi realizada uma reunião com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte com os representantes do Comitê Gestor do CRN e Conselho do Negro. Foi assinado o ofício com a decisão da Secretaria de não utilizar o CRN para a Campanha do Agasalho. Foi aberto um diálogo para discutir ações necessárias para que o CRN funcione conforme o estabelecido no Decreto 17791/2012.

Parabéns para todas e todos que se mobilizaram para que chegássemos a esse resultado positivo. Sopapo Poético (ANdC) 01/06/2018.

Texto disponibilizado na página do facebook do Sarau Sopapo Poético.

ANEXO 3

Chamada da edição de 27 de março de 2018 do Sarau Sopapo Poético

“Dona Maria José Moreira do Nascimento nasceu no ano de 1921 na Colônia Africana em Porto Alegre/RS. Em sua trajetória de vida, superou com persistência todas as adversidades, nunca abandonando seus objetivos e sonhos. Hoje, prestes a completar 97 anos, sem falsa modéstia, afirma que cumpriu até aqui com êxito e ainda teve tempo para escrever algumas poesias, transformando de forma lúdica os percalços que a vida lhe aprontou. Incentivada pelos mais próximos e por aqueles que tiveram acesso a alguns rabiscos, guardados em forma de rascunhos desordenados, escritos em qualquer tipo de papel aproveitando a inspiração e os momentos do cotidiano, no ano passado editou o livro de poemas “A Nonagenária e o Psicólogo”. Um título não só criativo, mas que expressou a pura realidade, pois o livro nada mais é que a reunião de 50 poemas de sua autoria e 10 poemas de um jovem psicólogo – Felipe Rigon, o qual foi colocado na sua trajetória por indicação do seu geriatra. No Sopapo Poético, Dona Maria José vai apresentar sua poesia e trazer relatos de sua rica e longeva existência, em mais um momento ímpar de troca de saberes e oralidade.” (SOPAPO POÉTICO, 2018)



Figura 1: Divulgação da edição de março de 2018. Imagem retirada da página do facebook do Sarau Sopapo Poético.

ANEXO 4

Chamada da edição de 24 de abril do Sarau Sopapo Poético

“O ‘slam’ (ou ‘poetry slam’) consiste em um campeonato de poesia falada. Foi concebido nos anos 1980 em Chicago, cidade dos Estados Unidos, contemporaneamente ao surgimento do movimento hip hop. Chegou ao Brasil nos anos 2000 e popularizou-se entre os jovens na última década, proliferando-se nos grandes centros urbanos. Suas poesias [são], periféricas e marginais, abordam assuntos diversos, refletindo o cotidiano de seus autores. Nos encontros, as relações e desigualdades raciais são temas recorrentes, assim como o enfrentamento ao machismo, ao fascismo e às exclusões sociais de toda ordem. Atualmente, o slam tem representado a poesia falada por aqueles/as que historicamente foram silenciados e ganha os palcos das ruas e praças em um movimento crescente. Tradicionalmente, o slam funciona como uma competição em forma de sarau, na qual os participantes apresentam seus versos em até três minutos e são avaliados por um júri composto por pessoas da plateia escolhidas na hora.” (SOPAPO POÉTICO, 2018).

SOPAPO POÉTICO
Ponto Negro da Poesia

24/04
(terça)
19:30

CRN Nilo Feijó
Av. Ipiranga, 311
ENTRADA FRANCA

BRUNO NEGRÃO

Cristal Rocha

Realização: ANdC - Associação Negra de Cultura

Figura 2a: Divulgação da edição abril de 2018. Imagem retirada da página do facebook do Sarau Sopapo Poético.

ANEXO 5

Poema “Arte Escura”, de Cristal Rocha.

É que o mundo vacilou muito com a gente

Povo cresce o tempo passa

Mas ainda sinto as corrente

Pretinha, a força da tua afirmação vai incomodar o mundo

Mas quem disse que o objetivo não era esse?

Mesmo que nos tirem força

Mesmo que as nossas caem

Mesmo que o sistema mate

Nós vamos seguir

Em memória de cada uma que se for

De cada canto, cada dor

Minha pele me ensinou a resistir

Preta,

Que nossa arte não sirva só como escudo mas também como ataque

Colei com Negra Jaque

Já que é pra escurecer

Espalhando nossos versos

Tipo o anoitecer

E deixa esses boy falar, deixa eles vê no que dá

Nos soltando das correntes

Uma puxando a outra pra voar

Nossa arte escura

Dançando nas partituras

Eu tive um sonho no pique Martin

Onde nossas crianças não eram levadas por viaturas

Eu sei que essas injustiças tem a sua assinatura,

Ó senhor supremacista

Eu que seguro essa estrutura

Eu que carrego as queimaduras
Eu que me recomponho depois das lutas

E não venha banalizar minha arte
Seus punhos de opressão já não me batem
Já não me invadem
Eu
Não
Ando
Só
E não peço sua compreensão
Sobre minha música, poesia, minha dança, minha vida
Apenas escute, não palpíte
Aprenda sobre lugar de fala, Djamila
As nega chega chegando pique Ludmila
Minha alma é grande herança vem de família
Força de mina
Muita visão, pouco de vida
Mas quantidade não é problema tio
Eu tenho estoque de rima

Sou preta sim,
Não nego meu instinto de sobreviver
Sobre viver aprendemos de gerações em gerações
Já se foram os grilhões
Tamo em ascensão
E não espere que não
Façamos revolução
A vitória de uma
É glória pra todas
Esses são nossos valores reais
E nada me abala
Nada me quebra
Nada me machuca mais

Porque hoje eu semeio

E floresço mesmo vivendo com espinhos nesse chão de concreto

Crescendo com minhas iguais